



**Fundação Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras**



AMARILDO JOÃO ESPÍNDOLA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: ESTUDO DE SINAIS
DE PORTO VELHO (RO) E RIO BRANCO (AC)**

PORTO VELHO - RO

2018

AMARILDO JOÃO ESPÍNDOLA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: ESTUDO DE SINAIS
DE PORTO VELHO (RO) E RIO BRANCO (AC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora
Marília Lima Pimentel Contiguiba

Coorientadora: Professora Mestra
Larissa Gotti Pissinatti

Linha de Pesquisa: Estudos
descritivos e aplicados de Línguas e
Linguagens

PORTO VELHO – RO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

E77v Espindola, Amarildo João.
Variação linguística na LIBRAS : estudo de sinais de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC) / Amarildo João Espindola. -- Porto Velho, RO, 2018.

104 f. : il.
Orientador(a): Prof.^a Dra. Marília Lima Pimentel Contiguiba
Coorientador(a): Prof.^a Ma. LARISSA GOTTI PISSINATTI.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia
1. Sociolinguística. 2. Libras. 3. Variação linguística. I. Contiguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU 81'276(811)

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Marília Lima Pimentel Contiguiba
(Presidente, UNIR-DLV)

Professora Mestre Larissa Gotti Pissinatti
(Coorientadora, UNIR-DLV)

Professora Doutora Nair Ferreira Gurgel do Amaral
(Membro Interno, UNIR-DLV)

Professora Doutora Sônia Maria Gomes Sampaio
(Membro Externo, UNIR- DLV)

Por la variedad que hay de usos y diferencias de hablar, no digo em todo un reino, no en toda una nación, pero aun em cualquier provincia y no sé si en cualquier ciudad.

(Damasio de Frias, Diálogos de las lenguas, XVI)

DEDICATÓRIA

A meu paizinho (*in memorian*),

A minha mãezinha,

A meu irmão João,

A minha irmã Viviane.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dotado de inteligência, com a qual fui capaz de desenvolver esta pesquisa e poder disponibilizá-la ao proveito da comunidade surda e de todos os que se envolvem com ela.

Aos meus pais que, com sabedoria e muito esforço, se empenharam para garantir-me sempre um ensino de qualidade. O relacionamento e o carinho deles proporcionou um equilíbrio emocional dentro de nossa casa, com seus exemplos de vida me ensinaram a lutar pelos meus sonhos e por aquilo que acredito.

Ao meu grande amigo Messias Ramos Costa, pelas trocas científicas, fraternas e pelo apoio e incentivo que sempre me dedicou.

Um carinho especial a minha orientadora Professora Doutora Marília Lima Pimentel Contiguiba, Mestre no sentido pleno do termo, tutora e conselheira, foi uma grande orientadora, tecendo sempre considerações pontuais. É uma pessoa extremamente humana, que procura sempre valorizar os esforços de seus alunos, promovendo-os na comunidade acadêmica. Ela valorizou, respeitou e incentivou minhas ideias, confiou em mim, me apoiou.

Um agradecimento especial também a Prof.^a Mestra Larissa Gotti Pissinatti que co-orientou esta pesquisa, sobretudo, dentro do ensino da segunda língua L2, área de concentração de sua pesquisa.

A Prof.^a Dr.^a Enilde Faustich, pela disposição em sempre me receber e servir como bússola no caminho científico da pesquisa em língua de sinais.

Agradeço imensuravelmente a minha amiga Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar, pelas horas que se dedicou a me direcionar para o campo científico e pela amizade sincera. Assim, como ao seu esposo e filho, minha segunda família em Brasília.

Agradeço a todos os surdos que sem os quais a minha pesquisa não teria se desenvolvido, e também aos participantes das comunidades surdas da ASRO, CIPERON, EPOAD, FATEC, UFAC, UNIP e UNIR.

A todos os meus professores do Mestrado que, com clareza e discernimento, entenderam e incentivaram minha pesquisa.

Quero agradecer também a Carmelita da Silva Santos, Jacó de Silva Cruz, Jamille Pontes, Marcelo Ranzula Silva, Marcos Serafim dos Santos, Núbia Lopes Soares, intérpretes de Libras dedicados e exemplares que, com esforço, ética e competência se especializam cada dia mais na área de interpretação Libras/LP. Eles deram sugestões e fizeram colocações

pertinentes, contribuindo com a seleção da glosa em LP. Além de apoiarem a pesquisa e contribuírem com suas reflexões.

Agradeço a minha amiga Elielza Reis da Silva pelas conversas e pelo apoio como intérprete profissional, pelos seus conselhos, pela confiança e por dialogar sobre questões tão importantes com relação à luta da vida.

Aos meus amigos Leoni Ramos, Magno Prates e Marcio Ponte, pelo conhecimento, pelo apoio e pela amizade. Também às amigas Dulcilene Reis e Jusiany P.C. dos Santos pelo carinho e paz. Meus agradecimentos as minhas professoras Arlete Nascimento, Patricia Tuxi e Sandra Patrícia, pelos desafios que enfrentaram comigo, mostrando-me um mundo diferente e novo por meio da língua de sinais.

Aos outros que também colaboraram e que, porventura, não fiz a menção nominal, meu muito obrigado!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Acre

ASL – Língua de Sinais Americana

ASRO – Associação dos Surdos de Rondônia

CM – Configuração de Mão

CIPERON – Centro Integrado de Pesquisa e Educação de Rondônia

EUA – Estados Unidos da América

EF – Expressão Facial

ENMs – Expressões Não-Manuais

EPOAD – Escola preparatória de Obreiros das Assembleias de Deus

FATEC – Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia de Rondônia

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LP – Língua Portuguesa

LSF – Língua de Sinais Francesa

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

M – Movimento

OM – Orientação da Palma da Mão

PA – Ponto de Articulação

PROLIBRAS – Exame de Proficiência em Libras

PVH – Porto Velho

RO – Rondônia

UFAC – Universidade Federal do Acre

UNB – Universidade de Brasília

UNIP – Universidade Paulista

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 01 – Pharmacia e Farmácia	36
Figura 02 – Parâmetros Fonológicos	43
Figura 03 – Contraste de um dos parâmetros: Trabalho e Vídeo	43
Figura 04 – Quadro de Configuração de Mão	44
Figura 05 – Locação	45
Figura 06 – Movimento: AZUL CLARO e AZUL ESCURO	46
Figura 07 – Orientação de mão: IR e VIR	46
Figura 08 – Quadro de Expressões não-manuais da Língua de Sinais Brasileira	47
Figura 09 – Pronomes Possessivos em LSB, no passado	49
Figura 10 – Pronomes Possessivos em LSB, atualmente	49
Figura 11 – Variação Histórica: PADRE	50
Figura 12 – Variação Histórica: ÁGUA	50
Figura 13 – Variação Regional: TAMBÉM	51
Figura 14 – Variação Regional: INGLÊS	51
Figura 15 – POR FAVOR EM ASL e LIBRAS	52
Figura 16 – Variação Regional: VERDE	52
Figura 17 – Variação Regional: MAS	53
Figura 18 – Variação Regional: BOA TARDE	53
Figura 19 – Variação Regional: AVIÃO	54
Figura 20 – Variação Regional: SEMANA	54
Figura 21 – Variação Regional: AJUDAR	54
Figura 22 – Sexo	57
Figura 23 – Faixa Etária	57
Figura 24 – Raça/Cor	59
Figura 25 – Renda	60
Figura 26 – Pais ouvintes	61
Figura 27 – Aprendizagem da LIBRAS	62
Figura 28 – Acesso à LIBRAS Padrão	63
Figura 29 – Acesso à Comunidade e Cultura Surda	63
Figura 30 – Profissão	64
Figura 31 – Grau de instrução	65
Figura 32 – Anta	74

Figura 33 – Boto Rosa	75
Figura 34 - Bicho-preguiça	76
Figura 35 – Tamanduá-bandeira	78
Figura 36 – Tacacá	79
Figura 37 – Açaí	80
Figura 38 – Buriti	82
Figura 39 – Cajá	83
Figura 40 – Cupuaçu	84
Figura 41 – Pirarucu	85
Figura 42 – Tambaqui	86
Tabela 1 – Imagens bilíngues representativas da Região Norte	72
Tabela 2 – Classificação das Variantes	89
Tabela 3 – Variantes Fonológicas	90

RESUMO

A presente pesquisa partiu da perspectiva sociolinguística, isto é, há diferentes formas de se usar uma mesma língua em diversos contextos. Dessa forma se identificaram as variantes linguísticas em Libras nas cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). O objetivo principal foi analisá-las e compreendê-las, bem como identificar os fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos das referidas variantes. Para tanto, fundamentou-se no aporte teórico da Sociolinguística, especificamente no enfoque da Variação Linguística, afunilando-se para as contribuições de Labov, Bright, Calvet, Tarallo, Fernández, Bortoni-Ricardo, entre outros. E, com a ajuda que esses campos promovem no pensamento sobre as variáveis linguísticas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), ao mesmo tempo estabelecemos relação com os estudos linguísticos na área de Libras e variações, como é o caso de Quadros & Karnopp, Strobel, Nascimento, entre outros. Realizou-se assim, uma pesquisa de cunho qualitativo, por meio de entrevistas coletivas com sujeitos surdos pertencentes à comunidade surda das regiões pesquisadas, a partir de imagens bilíngues com temáticas da cultura local, com o intuito de realizar um levantamento de sinais-termo para identificar as variáveis linguísticas, vigentes ou conhecidas, utilizadas pelas comunidades surdas estudadas. Aplicou-se também um questionário com os mesmos sujeitos, para que fosse possível conhecer aspectos de sua realidade social que pudessem influenciar a variação linguística em Libras. Ao final, identificou-se onze variações em Libras encontradas neste contexto, sendo seis do tipo fonológica, uma variação sócio-simbólica e quatro variações duplamente influenciadas, ou seja, determinadas tanto por fatores linguísticos quanto sociais.

Palavras-chave: Sociolinguística. Libras. Variação linguística.

ABSTRACT

The present research started from the sociolinguistic perspective, that is, there are different ways of using the same language in different contexts. In this way the linguistic variants were identified in Libras in the cities of Porto Velho (RO) and Rio Branco (AC). The main objective was to analyze and understand them, as well as to identify the linguistic and extralinguistic conditioning factors of these variants. For that, it was based on the theoretical contribution of Sociolinguistics, specifically on the Linguistic Variation approach, tapering to the contributions of Labov, Bright, Calvet, Tarallo, Fernández, Bortoni-Ricardo, among others. And, with the help that these fields promote in the thought about the linguistic variables in Brazilian Language of Signs (Libras), at the same time we establish relationship with the linguistic studies in the area of Libras and variations, as it is the case of Quadros & Karnopp, Strobel, Birth, among others. A qualitative research was carried out, through collective interviews with deaf individuals belonging to the deaf community of the surveyed regions, using bilingual images with local culture themes, with the aim of conducting a survey of term signs to identify the linguistic variables, current or known, used by the deaf communities studied. A questionnaire was also applied with the same subjects, so that it was possible to know aspects of their social reality that could influence the linguistic variation in Libras. At the end, we identified eleven variations in Libras found in this context, six of the phonological type, a socio-symbolic variation and four doubly influenced variations, that is, determined by both linguistic and social factors.

Keywords: Sociolinguistics. Libras. Linguistic variation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	19
2.1 Pesquisa sociolinguística	19
2.1.1 Pesquisa qualitativa	20
2.1.2 Participantes/Informantes.....	21
2.2 Objetivos	22
2.2.1 Objetivo geral	22
2.2.2 Objetivos específicos	22
2.3 Caminhos da pesquisa	22
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
3.1 Teoria linguística.....	25
3.2 Relação entre língua e sociedade.....	26
3.3 Sociolinguística.....	30
3.3.1 Teoria da Variação Linguística.....	34
3.3.1.1 Variável e variantes.....	36
3.3.1.2 A variação e a normalização linguísticas.....	38
3.3.1.3 Variação e mudança linguística.....	38
3.4 Libras.....	39
3.4.1 Contextualização em sociolinguística na língua de sinais	39
3.4.2 Fonologia	42
3.4.2.1 Configuração de Mão (CM)	44
3.4.2.2 Localização (Locação)	44
3.4.2.3 Movimento (M)	45
3.4.2.4 Orientação da Palma da Mão (OM)	46
3.4.2.5 Expressões Não-Manuais (ENMs)	46
3.4.3 Variação linguística em Libras	48
4 RESULTADOS	57
4.1 Perfil dos entrevistados	57

4.2 Imagens bilíngues representativas da Região Norte	66
4.3 Variáveis Sincrônicas em Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC)	72
5 DISCUSSÃO.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	103

1 INTRODUÇÃO

Nasci ouvinte e aos sete anos, por conta de uma pneumonia e uso de antibióticos, fiquei surdo. A partir daí, enfrentei idas e vindas a consultórios médicos e fonoaudiológicos em busca da suposta cura para a surdez, contexto sustentado por médicos, fonoaudiólogos e, conseqüentemente, por minha família. Dessa forma, durante todo o restante da infância, o propósito da família foi buscar a reabilitação da minha audição, bem como o desenvolvimento da oralização, o que provocou a mudança de cidade com a minha mãe à capital, onde encontraríamos recursos mais desenvolvidos para alcançar tal objetivo.

Estudei em escolas voltadas para estudantes ouvintes, nas quais a Língua Portuguesa era a primeira e única língua. Usava prótese auditiva e me esforçava para compreender e acessar a aprendizagem como os demais alunos, mas essa situação era muito difícil, principalmente porque a Língua Portuguesa é uma modalidade oral-auditiva, que é onde se encontra a minha diferença biológica.

À medida que cresci, especialmente na pré-adolescência, dei-me conta de que o mundo não era composto somente por pessoas ouvintes e muito menos pelos falantes da Língua Portuguesa. Ao encontrar adolescentes surdos pela primeira vez que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais - *Libras*, fui completamente atraído por essa língua e pela cultura surda. No entanto, minha família adiou esse encontro por mais algum tempo.

Somente aos 12 anos pude, de fato, ter contato com pessoas surdas e aprender a *Libras*. Desde então, definitivamente, me senti com amigos, e melhor, amigos surdos. Minha identidade surda começou sua construção, minha autoestima e meu empoderamento como sujeito surdo, não assujeitado ao mundo ouvinte, tal como o percurso que vinha fazendo até então. Sentia-me livre e completo, pertencente a uma comunidade e feliz.

A partir desse momento iniciei minha reflexão, o sonho de possuir minha autonomia e o desejo cada vez mais profundo de integrar verdadeiramente à comunidade surda crescia em mim. Passei a conviver com amigos surdos, me aprofundei na *Libras*, me formei no Magistério e, posteriormente, comecei a trabalhar como professor de crianças surdas. Pouco a pouco, adentrei-me no debate linguístico/político sobre as questões que envolvia a comunidade surda, isto é, sua língua, identidade e cultura.

Em 2008, fui selecionado para o curso de Letras-*Libras*, ali, meu percurso científico-acadêmico dentro da *Libras* ganhou corpo. Deparei-me com diversas pesquisas e pesquisadores que trabalhavam com essa temática e suas particularidades. Assim, o meu compromisso discente-pesquisador se firmou cada vez mais. Participei de diversos

seminários, cursos e apresentei trabalhos em eventos científicos, tal qual, por exemplo, o curso de Variação Linguística em Libras, o que me provocou grande interesse e indagações/inquietações pelo tema.

Continuei a estudar e pesquisar no Curso de Especialização em Libras, o qual concluí em 2012. Comecei a trabalhar como professor de universidade em diversos cursos, onde ministrei a disciplina Língua Brasileira de Sinais. Encontro-me atualmente como professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Ao me mudar para Porto Velho/RO a variação linguística em Libras passou a me chamar mais atenção. Conheço a Libras e suas variações no Paraná e em Brasília, e habitar este lugar me causou um novo impacto com as variações locais. Interessei-me muito pela cultura local e pelo uso da Libras pela Comunidade Surda de Porto Velho, e pensei na possibilidade de fazer um estudo a respeito dessas variações. Além disso, percebi um descompasso no que diz respeito ao quesito quantitativo e qualitativo de pesquisas e publicações na área de Libras na região Sul com relação ao Norte do Brasil, por isso me senti impelido a contribuir com o adensamento das pesquisas nesta região.

Com a minha aprovação no Mestrado em Letras desta universidade, propus o estudo do tema *VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: ESTUDO DE SINAIS DE PORTO VELHO (RO) E RIO BRANCO (AC)*, o qual foi aceito e sustentado pela minha orientadora.

Como é sabido, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua das comunidades surdas do Brasil, de acordo com a lei 10.436 de 24/04/02. Ela foi criada pelas pessoas surdas com o objetivo de viabilizar a comunicação entre seus pares e com a comunidade ouvinte, já que, pelo fato de serem surdas, não desenvolvem a língua oral de forma natural. Esta língua não é universal, cada país tem sua própria língua de sinais e variações linguísticas pertinentes como uma de suas propriedades.

Apesar de ainda serem poucas as pesquisas relevantes a respeito de suas especificidades linguísticas, pode-se enumerar algumas referências, como é o caso dos estudos de Lucinda Ferreira-Brito (1995), Ronice Müller Quadros (2004) e Tanya Felipe (2007), entre outras. Os estudos que englobam a questão da variação linguística também possui, infelizmente, escassas pesquisas, nisto, é preciso destacar a Dissertação de Gláucio de Castro Júnior, surdo, Mestre em Linguística, da Universidade de Brasília (UnB) que realizou uma pesquisa com intuito de investigar as variações linguísticas na Língua de Sinais Brasileira em referência à terminologia política.

Os surdos, apesar de todo este contexto, têm participado cada dia mais de sua comunidade por meio de interações comunicativas adequadas, e têm crescido cada vez mais

em seu percurso acadêmico. No entanto, essa língua ainda carece de pesquisas e aprofundamento teórico, pois só foi regulamentada em 2005 pelo Decreto 5.626, e um dos fatores que impulsionaram os estudos nessa área foi a criação da disciplina Libras nas universidades federais e estaduais, tanto públicas como privadas, assim como o curso Letras-Libras que possibilita ao surdo o acesso ao conhecimento acadêmico na área, uma inter-relação concreta e complexa sobre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais.

Deste modo, com esta pesquisa pretendemos colaborar com os estudos científicos na área da Linguística, especificamente dentro do campo dos conceitos em Língua Brasileira de Sinais, notadamente em terminologia, no intuito de fortalecimento de um campo semântico, sintático e pragmático nessa língua que corresponda às necessidades comunicacionais surdo-ouvinte-surdo. Para isso foi feita uma análise da variação linguística na Libras a partir do estudo de sinais utilizados pela comunidade surda em Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC).

Em outras palavras, por meio do estudo dos padrões utilizados através dos termos da cultura local em Libras, buscamos encontrar as variações e analisá-las sociolinguisticamente. Logo, com esta pesquisa, conheceu-se a variação linguística em onze sinais-termo da Libras, especificamente relacionados aos aspectos culturais das cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC), situados na Região Norte do Brasil e, por fim, realizamos a análise fonológica e sociolinguística das mesmas.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) se desenvolve por meio de modalidade visoespacial e desde 1960, a partir dos estudos linguísticos de William Stockoe nos EUA, foi comprovado seu status linguístico junto à comunidade científica. Desde então, algumas pesquisas têm sido realizadas no intuito de confirmar sua complexidade e derrubada dos mitos em seu entorno.

Esta pesquisa foi baseada nos pressupostos da Sociolinguística, buscando-se aprofundar os estudos de determinados termos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), referentes a alguns elementos culturais de cidades da região Norte, bem como compilar os termos pesquisados da referida região, conjuntamente com suas variações.

Todas as línguas mudam – quando uma língua não tem variação é porque a língua já não é usada como língua de expressão de pensamento e de comunicação, pelo que se pode dizer que morreu. As línguas são diferentes consoante a época (mudam com o tempo), consoante a região onde são faladas (mudam no espaço), consoante a classe social do indivíduo. Um mesmo indivíduo também muda a sua linguagem consoante a situação de comunicação (oral ou escrita, mais formal, mais familiar, mais especializada). As línguas gestuais têm variação assim como as línguas orais (NASCIMENTO, 2011, p.28).

Nesse sentido, esta pesquisa analisou a variação linguística na Libras, a partir do estudo de sinais utilizados pela comunidade surda em Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). A ideia foi conhecer as variações dos sinais referentes aos aspectos fundamentais destas cidades, tais como, alguns animais encontrados com frequência na região, alimentos e frutas típicas, também peixes regionais, que são importantes tanto para a comunidade surda, quanto para a comunidade ouvinte, a fim de descrevê-los sociolinguisticamente, isto é, sua denominação atual nas cidades pesquisadas e suas correspondentes variações.

Para tanto, este trabalho seguiu todo o rigor metodológico previsto para a pesquisa sociolinguística, com consulta a grupos de referência no uso da Língua Brasileira de Sinais da região, registro de termos encontrados, e suas variações.

Dessa forma, este estudo teve por objetivo ampliar o conhecimento sobre o vocabulário em Libras, por meio de pesquisa sobre a variação linguística em Libras, descrevendo sociolinguisticamente os sinais já existentes e utilizados pela comunidade, registrando sua variação de acordo com o local pesquisado.

2.1 Pesquisa sociolinguística

A Sociolinguística se preocupa em estudar as padronizações e variações linguísticas utilizadas por uma comunidade linguística a fim de sistematizar o seu uso por meio de um sistema complexo e plural, considerando como principal foco a questão relacionada com a mudança linguística na contemporaneidade.

Além disso, é importante destacar a relação intrínseca trazida pelos estudos sociolinguísticos entre a língua e a comunidade que a usa, isto implica na dimensão social que é fundamental para a compreensão de uma língua. A língua utilizada pelos indivíduos é antes de tudo, social.

Nesta pesquisa nos detivemos na variação linguística ocorrida dentro de comunidades surdas das cidades de Porto Velho e Rio Branco, na qual se busca por meio do estudo dos padrões utilizados com relação aos termos da cultura local encontrar as variações e analisá-las sociolinguisticamente.

Os estudos sociolinguísticos visam descrever linguisticamente as variantes linguísticas utilizadas por uma determinada comunidade, e busca compreender seus elementos e fatores influenciadores da mudança social, o que resulta em uma análise sociolinguística. O modelo de análise linguística apoiado na vertente sociolinguística é o da Teoria da Variação Linguística e é o que foi adotado neste trabalho.

2.1.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa foi desenvolvida com referência à abordagem qualitativa, sua finalidade é compreender as variantes linguísticas das comunidades surdas de Porto Velho e Rio Branco, no que se refere aos aspectos culturais da região. Para Minayo (2001), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (GEHARDT & SILVEIRA, 2009, p.32).

Os procedimentos para a coleta de dados objetivaram levantar informações sobre as variações linguísticas em Libras dentro do tema selecionado pelo pesquisador, isto é, a respeito das variações linguísticas presentes nos sinais e aspectos da cultura dos estados envolvidos. O suporte para compreensão e uso destes instrumentos está, a princípio, embasado em Gil (2002) e Ludke e André (1986).

A pesquisa desenvolvida teve como enfoque analisar a variação linguística dos seguintes grupos de sinais: animais da região, comidas e frutas muito conhecidos da região

pesquisada a fim de estudá-los a partir dos campos semânticos, e de natureza referencial relativas aos objetos para os quais são usados os termos (itens lexicais), que chamaremos de sinais-termo, totalizando 18 sinais-termo que foram analisados e registrados.

Para tanto, desenvolvemos pesquisa de campo junto aos representantes das comunidades surdas de Porto Velho e Rio Branco, para conhecer os sinais utilizados pelas comunidades e selecionar os que apresentaram variações de uma cidade para outra. Além disso, realizamos entrevistas com todos os participantes, e coletamos informações a respeito das questões de cunho social que envolvem os sujeitos da pesquisa.

2.1.2 Participantes / Informantes

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados levando a partir de amostragem aleatória, no entanto, sem perder de vista alguns critérios que são fundamentais na caracterização do perfil dos informantes. A amostra buscou compor um contexto que fosse possível compreender novas informações das variantes linguísticas nas comunidades surdas pesquisadas.

Nesse sentido, é que foram selecionados vinte e nove sujeitos surdos, sendo 13 estudantes surdos do curso Letras-Libras do Centro Integrado de Pesquisa e Educação de Rondônia (CIPERON), três estudantes surdos do polo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e cinco estudantes surdos da Universidade Federal do Acre (UFAC), três estudantes surdos do curso de Sistemas de Informação da Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia de Rondônia (FATEC), quatro estudantes surdos do curso de Pedagogia da Faculdade Paulista (UNIP) e um do curso de Teologia da Escola preparatória de Obreiros das Assembleias de Deus (EPOAD). O critério utilizado neste caso foi o científico, considerando que os participantes acima selecionados já possuem uma compreensão metalinguística em Libras, o que favorece o bom andamento da pesquisa, considerando o seu objetivo.

Foi primordial selecionar informantes pertencentes à comunidade surda dos municípios de Rio Branco (AC) e Porto Velho (RO), estudantes de curso superior, especialmente alunos do curso Licenciatura em Letras-Libras (UNIR e UFAC), a considerar que este curso é o grande fomentador de debates e pesquisas na área de Libras, contabilizando um total de vinte e nove pessoas surdas por cidade pesquisada.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo Geral

Analisar e compreender variantes linguísticas em Libras nas cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC);

2.2.2 Objetivos específicos

- Realizar um levantamento de sinais-termo, junto aos representantes da comunidade surda das cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC);
- Descrever linguisticamente sinais referentes ao tema selecionado e identificar os casos de variação linguística nas cidades pesquisadas;
- Analisar os fatores condicionadores das variantes, no que diz respeito aos aspectos fonológicos em Libras e registrar os resultados.
- Detalhar as variações e apresentar características extralinguísticas da comunidade surda pesquisada.

2.3 Caminhos da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas cidades de Porto Velho – RO e de Rio Branco – AC. Na cidade de Porto Velho, ela ocorreu com 15 surdos pertencentes à Comunidade Surda local. Em Rio Branco compareceram para a pesquisa um total de 14 Surdos, em que foi utilizada a mesma estratégia que em Porto Velho. Compareceram, assim, para a coleta de dados um total de 29 Surdos.

Os termos foram apresentados através de imagens legendadas, no total de dezoito, sendo: seis animais: anta, arara-vermelha, bicho-preguiça, boto, capivara e tamanduá-bandeira; seis frutas da região: açaí, buriti, cajá, cupuaçu, jatobá, e pitomba; dois peixes: pirarucu e tambaqui; uma comida: tacacá, muito presente na cultura tanto de Rio Branco e Porto Velho.

A presente pesquisa ocorreu em duas etapas, sendo a primeira fase, em Porto Velho (RO) e a segunda etapa em Rio Branco (AC).

Dessa forma, na primeira etapa reuniram-se dezesseis participantes durante três encontros, por quatro horas cada um, nos quais foram desenvolvidos os seguintes passos:

- a) Discussão em grupo com os sujeitos da pesquisa a respeito da importância da pesquisa para a Região Norte e explicitação de seus objetivos;
- b) Em seguida, fez-se a apresentação de imagens legendadas em Língua portuguesa relacionadas ao tema selecionado, isto é, a partir de levantamento de vocabulário muito usado pelas comunidades surdas locais. A amostra de imagens bilíngues foi composta por seis frutas, seis animais, uma comida típica e dois peixes da região, dezoito imagens.
- c) Posteriormente foi realizado um levantamento dos sinais existentes sobre as imagens apresentadas entre os representantes das comunidades surdas residentes em Porto Velho (RO) e posteriormente em Rio Branco (AC). Nesta etapa, os sujeitos participaram livremente, apresentando sinais correspondentes às imagens, discutindo entre si ou afirmando desconhecerem o sinal para a imagem apresentada. Nesse momento foi possível perceber a presença de variantes linguísticas, isto é, a execução de sinais diferentes para a mesma imagem, que serão explicitadas na Análise dos Dados;
- d) Logo após, todos os sinais apresentados espontaneamente foram registrados em vídeo, as respostas fornecidas pelo grupo ou por sujeitos participantes da pesquisa foram gravadas, a fim de facilitar a análise posteriormente, considerando-se que aspectos gramaticais, tais como, características fonológicas (expressões não-manuais, movimento, ponto de articulação, configuração de mão, entre outros,) são fundamentais para a compreensão da expressão completa do sinal;
- e) Sugestões e reflexões sobre a temática: dos sujeitos participantes desta etapa da pesquisa, percebeu-se que unanimemente todos compreenderam a importância da pesquisa para o desenvolvimento do léxico local;
- f) Foram feitas análises comparativas ou descritivas das variações linguísticas encontradas;
- g) E por fim, as respostas foram apresentadas em formato fotográfico, onde o próprio pesquisador apresentou os sinais correspondentes a cada variante encontradas na pesquisa.

Na próxima seção, adentraremos na discussão teórica que sustenta esta pesquisa e que tratará especificamente da Sociolinguística, Libras, Cultura Surda e da Variação Linguística, para que sustente a análise dos resultados encontrados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Teoria Linguística

As ciências se caracterizam por se constituírem de uma teoria, um objeto de estudo e um método específico. O mesmo ocorre com a Linguística, que tem como objeto de estudo a língua. “(...) A língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face” (TARALLO, 1985, p.19).

Esse objeto de estudo da Linguística é estudado por diferentes óticas e por diversas interpretações, “(...) a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los” (TARALLO, 1985 p.19).

Considerado o pai da Linguística, Ferdinand Saussure foi o primeiro pesquisador a fazer um estudo sistemático da língua, por meio de uma perspectiva de base estruturalista que tinha por objetivo descrever e explicitar os elementos que compunham a língua, “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CALVET, 2002, p.11).

O estudo sistemático feito por ele a respeito da língua foi o passo inicial e imprescindível para o desenvolvimento desse tipo de análise. Vários outros estudiosos o seguiram, como Bloomfield, Hjelmslev e Chomsky.

Todos, elaborando teorias e sistemas de descrições diversificados, concordavam em delimitar o campo de sua ciência de modo restritivo, eliminando de suas preocupações tudo o que não fosse a estrutura abstrata que eles definiam como objeto de seu estudo (CALVET, 2002, p.12).

No entanto, uma das principais críticas sofridas pelo estruturalismo de Saussure foi a elisão do contexto social no qual as línguas se constituem, o que conseqüentemente exclui os sujeitos que a usam e a desenvolvem. Em sua época, a língua foi estudada como uma entidade que estava acima dos sujeitos, e o aspecto social não foi considerado. A partir dessa problemática é que as relações entre língua e sociedade começam a ser questionadas e pesquisadas por alguns estudiosos, formando-se duas concepções opostas no universo dos estudos linguísticos.

De um lado, insistia-se na organização dos fonemas de língua, em sua sintaxe, de outro, na estratificação social das línguas ou nos diferentes parâmetros que na língua variam, de acordo com as classes sociais. Será preciso na prática a linguística então

só pode ser uma ciência social, isto significa dizer que a sociolinguística é a linguística (CALVET, 2002, p.12).

Ao longo dos anos a Linguística agregou várias definições. De acordo com Schleicher (SÉC. XIX) a Linguística possuía um caráter natural, ou seja, nasceria, cresceria e morreria assim como todo e qualquer ser vivo; à medida que a tradição estruturalista começou a se firmar na Linguística, Saussure (1916) desenvolveu o argumento de que a língua é objeto de estudo da Linguística; por outro lado, Bakhtin (1929) construiu sua teoria em cima de bases nas quais dizia que a língua não podia ser concebida apenas pelo seu aspecto abstrato, como encontrava-se organizada na perspectiva estruturalista, mas que era imprescindível considerar a questão social que envolvia todo o discurso.

Nesse sentido, para Jakobson (1960) uma “teoria de homogeneidade” não seria aplicável quando desejava-se analisar a questão das línguas, visto que o indivíduo participa de diferentes comunidades linguísticas nas quais influencia e é influenciado por múltiplos fatores: o sujeito que fala, a mensagem em si e para quem esta é destinada. Para Benveniste (1968), a sociedade pode ser avaliada, ponderada e estudada a partir da língua, ou seja, esta seria como um mecanismo de controle da sociedade (SILVA, 2007).

No entanto, chama a atenção a postura do renomado linguista Chomsky em pleno Século XX, ao afirmar em suas pesquisas que o objeto de estudo da Linguística é a capacidade de o falante-ouvinte ser partícipe de uma comunidade linguisticamente homogênea, ou seja, sem a necessidade de uma heterogeneidade (SILVA, 2007).

3.2 Relação entre língua e sociedade

Apesar do importante trabalho desenvolvido por estudiosos no intuito de assegurar à língua um destaque científico, com uma ciência própria, capaz de analisá-la em todos os seus componentes de formação, a marca original desses estudos de homogeneidade era bastante criticada por omitir a singularidade humana e sua ação sobre as línguas. Para Tarallo “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada” (1985, p.6).

Além disso, alguns estudiosos, como Fernandèz (2012) desenvolveram o conceito de “comunidade de fala” para se reportar ao conjunto de sujeitos que utilizam uma língua e praticam atos de fala, que desencadeiam em uma comunicação, “(...) conjunto de todos los

hablantes de una lengua histórica (comunidad idiomática) o en los hablantes de una lengua en un momento y en un territorio determinados (comunidad lingüística)” (p.23).

Assim, os sujeitos são trazidos para o centro dos estudos lingüísticos e a discussão sobre as questões sociais passam a ser imperativas dentro da análise lingüística.

Una comunidad de habla, está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, um mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos (FERNÁNDEZ, 2012, p.23).

Fernandéz (2012) destaca o agrupamento de sujeitos em torno de uma língua, dando-lhes o sentimento de pertencimento e identidade grupal por meio da língua, como uma espécie de marca que os diferencia das demais comunidades de fala, e que encontra-se ancorado em bases lingüísticas ou normativas da língua. “Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten al menos una variedad lingüística, unas reglas de uso, unas actitudes y una misma valoración de las formas lingüísticas” (FERNÁNDEZ, 2012, p.23).

Com esta afirmação, Fernandéz não está querendo dizer que a comunidade se organiza em torno de uma homogeneização ou mera padronização lingüística, mas, que o sentimento de pertença lingüística que une os membros de cada comunidade de fala encontra-se sustentado em bases lingüísticas, nas quais compartilham valores, normas e também conflitos lingüísticos.

Um dos primeiros linguistas a levantar questionamentos sobre o caráter social das línguas foi o francês Antoine Meillet (1866-1936). Grande admirador das obras do sociólogo Émile Durheim, Meillet conforme citado por Calvet (2002, p.13/14) defendia os seguintes argumentos:

-“os limites das diversas línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais chamados nações; a ausência de unidade de língua é sinal de um Estado recente, como na Bélgica, ou artificialmente constituído, como na Áustria”;
 - “a linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, contudo, ela é, por sua generalidade, exterior a ele”;
 -“as características de exterioridade ao individuo e de coerção pelas quais Durkheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última.”

Partindo dessa perspectiva, Meillet criticava veemente Saussure em sua forma restrita de estudo da língua, desconsiderando uma importante faceta de seu desenvolvimento: seu caráter social. Criticava o excessivo abstracionismo, a distinção entre sincronia e diacronia,

linguagem interna e linguagem externa, entre outros. “Ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p.15).

Para Meillet, é impossível se estudar a língua sem levar em conta as questões sociais atreladas a ela, ou seja, o social está para a língua como o ar está para o ser humano, este não vive sem aquele. De acordo com Calvet (2002, p.15) “(...) as passagens em que Saussure declara que a língua “é a parte social da linguagem” ou que “a língua é uma instituição social” chocam por sua indefinição teórica.”

Assim, Meillet completamente inspirado nas ideias de Émile Durkheim, sociólogo, considerado o pai da Sociologia, argumentava que a língua era um fato social, isto é, o oposto do estudo que tinha sido realizado até então no campo linguístico. “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p.16).

Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social, enquanto, Meillet dá à noção de fato social um conteúdo muito mais preciso e muito durkheimiano enquanto Saussure distingue cuidadosamente estrutura de história, Meillet quer uni-las. Enquanto o empreendimento do linguista suíço é essencialmente terminológico o de Meillet é programático: ele não deixa de desejar que se leve em conta o caráter social da língua o tema da língua como fato social, central em Meillet, é um tema profundamente antissaussuriano, história da linguística estrutural pós-saussuriana se caracteriza por um afastamento constante desse tema. Surge assim, outro discurso que insiste em suas funções sociais. Durante quase meio século, esses dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar (CALVET, 2002, p.16 e 17).

Outro estudo que inter-relaciona língua e contexto social trata-se de Brasil Bernstein, sociólogo da educação, que compara o fracasso escolar de crianças oriundas de classe operária e crianças de classes privilegiadas, e descobre que o daquelas é muito maior do que o destas.

Ele passa então a analisar as produções linguísticas das crianças e a definir dois códigos: o *código restrito*, o único que as crianças dos meios desfavorecidos dominam, e o *código elaborado*, dominado pelas crianças das classes favorecidas, que dominam também o código restrito (CALVET, 2002, p.17/18).

Em outras palavras, Bernstein analisa a diferença no fracasso escolar como uma questão de acesso ao código linguístico, alegando que as crianças menos favorecidas são possuidoras de um código bastante restrito, caracterizado por frases breves, sem

subordinação, com vocabulário limitado e com uma leitura de mundo bastante precária. (CALVET, 2002).

Bernstein está especialmente preocupado com problemas de lógica e de semântica. Sua tese principal é de que o aprendizado e a socialização são marcados pela família em que as crianças são criadas, que a estrutura social determina, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos. De uma perspectiva sociológica, Bernstein está fortemente marcado por Émile Durkheim (CALVET, 2002, p.18).

Contudo, este estudo realizado por Bernstein sofreu duras críticas por parte de William Labov, tanto no que diz respeito à separação dos códigos linguísticos, quanto à fragilidade dos conceitos linguísticos. Para Labov, Bernstein não estava descrevendo exatamente códigos, mas estilos (CALVET, 2002).

Pouco a pouco, as discussões a respeito das relações entre sociedade e linguagem começam a tomar corpo e a firmar o campo denominado Sociolinguística, que passa a compreender a língua como um sistema heterogêneo e plural, enquanto as teorias linguísticas de meados do Século XX encaravam a língua como um sistema homogêneo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), duas premissas básicas da Linguística Estruturalista do século XX contribuíram para a emergência da Sociolinguística como um campo interdisciplinar: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, inerente e sistemática.

O relativismo cultural é uma postura adotada nas Ciências Sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras (Cf. BORTONI-RICARDO, 2014). Esse pressuposto tem suas raízes na pesquisa realizada por Franz Boas (1858-1942) sobre as línguas ameríndias, o que constitui um dos princípios da Antropologia Cultural e foi se firmando como um fundamento científico imprescindível ao encontro com o outro, diferente, mas em momento algum, desigual.

Para esse autor, nenhum padrão de uma cultura ou de uma língua deveria ser considerado inferior, ainda que seja apropriado postular distinções funcionais entre seus congêneres. Inicialmente, essa premissa relativista aplicou-se a comparações entre línguas, mas, com o advento da compreensão na heterogeneidade ordenada e do reconhecimento da existência de muitas variedades no âmbito de qualquer língua natural, linguistas nos Estados Unidos e na Europa ampliaram o escopo da premissa relativista para a comparação entre variedades de uma língua, ou, até mesmo, entre os estilos no repertório de um falante (BORTONI-RICARDO, 2014, p.12).

Dessa forma, a partir do Século XX, o foco da Linguística deixa de ser apenas a língua e passa a ser também o uso da mesma. Com isso, tal área articulou-se com outras ciências humanas como a Sociologia. Surgiu, então, a Sociolinguística, que analisa as línguas dentro

da sociedade em que são utilizadas e evidencia que há várias formas de usar uma mesma língua, de acordo com as diversas situações.

O que estes estudiosos fazem é confirmar o caráter intrínseco entre língua e sociedade. Ao mesmo tempo que a língua produz a sociedade, é produzida por esta. Nenhuma língua é neutra, isto é, isenta do contexto social no qual encontra-se inserida. E é nesse sentido que se correlaciona essas pesquisas às línguas de sinais criadas pelas comunidades surdas, pois o contexto social também influencia sua peculiaridade e repercute em sua estrutura. Sua característica espaço-visual está diretamente motivada pela cultura surda e sua forma específica de estar no mundo, por meio do visual e do espacial.

3.3 Sociolinguística

Conforme anteriormente disse Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística como uma ciência autônoma e interdisciplinar teve início em meados do Século XX, e mesmo antes de 1960 já havia vários linguistas que desenvolviam seus trabalhos no âmbito da Linguística com um viés explicitamente social, como é o caso de Meillet (1866-1936), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga.

Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural da comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante de sua comunidade, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014, p.11).

Nessa direção, Cavalcante (2008) afirma que o termo Sociolinguística foi visto inicialmente em um trabalho de Haver C. Currie em 1953, seu estudo iniciou-se nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos, desenvolveu uma nova concepção na Linguística e rompeu com a visão estruturalista da época. Juntamente a ela, surgiram duas correntes de pesquisa: a Etnografia da Fala e a Sociologia de Linguagem, conduzidas por Dell Hymes e Joshua Fishman, respectivamente. O primeiro destacou a diversidade presente no fenômeno linguístico e o segundo, a interação entre língua e sociedade.

Liderados por William Labov, os sociolinguistas pioneiros, nos Estados Unidos, desenvolveram intensivas análises contrastivas entre a variedade do inglês que era a língua materna dos alunos em questão e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola. (Labov, 1969; 1972). Nesses tempos em que se firmavam as raízes da Sociolinguística, essa ciência voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana (BORTONI-RICARDO, 2014, p.12/13).

O americano William Labov é considerado o grande sistematizador de estudos que entrelaçam questões linguísticas e sociais. Para ele, não há como dissociar língua de sociedade, atos de fala de seus produtores, heterogeneidade e língua. Língua e sociedade estão intrinsecamente ligadas, constituindo uma estrutura única.

Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966); a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque, e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. Além desses, uma enorme quantidade de estudos linguísticos de outras comunidades de fala já foi realizada por outros pesquisadores da área (TARALLO, 1985, p.7/8).

A partir do momento que o termo sociolinguística começou a ser aceito, essa disciplina aumentou seus objetivos de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade é reconhecida como uma disciplina que traz como preocupação a comunicação verbal nas sociedades humanas, especialmente com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação com a perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura (BORTONI-RICARDO, 2014).

As pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas por Labov eram apoiadas em bases numéricas, isto é, em uma perspectiva quantitativa, o que o levou a serem rotuladas como Sociolinguística Quantitativa (TARALLO, 1985). Ainda assim, seus trabalhos apontam como a grande diferença no aspecto língua e sociedade e como contraposição ao modelo estruturalista desenvolvido por Saussure e Chomsky.

De acordo com Calvet (2002), Labov analisou a contribuição de seus antecessores na Linguística e explicitou os obstáculos de uma compreensão saussuriana de língua:

Meillet contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística enquanto inserida nas transformações sociais (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente em que a explicação linguística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussuriano. Com efeito, um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que, para ele, o termo “social” significa simplesmente “pluri-individual”, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais (CALVET, 2002, p.23).

Nesse sentido, Labov busca reafirmar ainda mais a característica de heterogeneidade presente nas línguas faladas como parte inerente a toda e qualquer língua. Inicialmente, seus

estudos tem forte influência da posição de Meillet sobre a língua enquanto fato social, mas só para afirmar ainda mais que a Sociolinguística nada mais é do que a própria Linguística:

Para nós, nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística. Os assuntos considerados provêm do campo normalmente chamado ‘linguística geral’: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica [...]. Se não fosse necessário destacar o contraste entre este trabalho e o estudo da linguagem fora de todo contexto social, eu diria de bom grado que trata simplesmente de linguística. (LABOV *apud* CALVET, 2002, p.24).

Labov deixa claro que a intenção não é criar uma nova linguística, mas sim que não dá para se falar de língua sem falar do aspecto social. A linguística é, então, a sociolinguística e vice-versa. No período compreendido entre 11 a 13 de maio de 1964, William Bright reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles com o objetivo de discutir e definir aspectos básicos da Sociolinguística.

Os temas abordados eram variados: a etnologia da variação linguística (Gumperz), o planejamento linguístico (Haugen), a hipercorreção como fator de variação (Labov), as línguas veiculares (Samarin, Kelley), o desenvolvimento de sistemas de escrita (Sjoberg), a equação de situações sociolinguísticas dos Estados (Ferguson) (CALVET, 2002, p.20/21).

Após a conferência, William Bright publica as atas e afirma que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (CALVET, 2002, p.21). Além disso, enumera as dimensões da Sociolinguística a partir dos seguintes questionamentos:

As três primeiras dessas dimensões aparecem em resposta a uma pergunta: quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística? E ele distingue três fatores principais: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto (...) (CALVET, 2002, p.21).

Dos estudos de Labov, origina-se o que ficou conhecido como Linguística variacionista. “A tarefa da sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (BRIGHT, 1974, p.17).

Nesse contexto, a variação é compreendida como parte inerente das línguas, tendo na heterogeneidade sua base e no contexto social sua sistematização. A Sociolinguística, então, se firma como um olhar sobre a língua que difere do visto sob a perspectiva estruturalista de Ferdinand Saussure ou de Chomsky. “É precisamente a DIVERSIDADE lingüística o objeto de estudo da sociolinguística” (BRIGHT, 1974, p.18).

A partir daí, Bright (1974) elenca um conjunto de fatores sociais que possivelmente estavam atrelados à diversidade linguística, os quais denominou também de dimensões: as dimensões de emissor, receptor, e contexto.

A identidade social do EMISSOR ou falante é ilustrada mais claramente por casos de ‘dialetos de classes’ em que as diferenças de fala relacionam-se com a estratificação social. A identidade social do RECEPTOR ou ouvinte é relevante sempre que forem usados vocabulários especiais de respeito para se dirigir a superiores (...) outro estilo especial de fala condicionado por este fator é a ‘fala de bebê’ (...) modo como os adultos falam aos bebês. Em muitos casos um estilo especial usado para falar a uma pessoa é também usado para falar SOBRE ela. (...) A terceira dimensão condicionadora, a do CONTEXTO, compreende, paralelamente às identidades dos indivíduos envolvidos, todos os elementos possivelmente relevantes no ambiente de comunicação. (...) Diferenças entre estilo formal e informal que são determinadas pelo contexto social (...). Onde existem diferenças marcantes de forma e função entre o estilo formal e o informal falamos de uma situação de DIGLOSSIA (BRIGHT, 1974, p.18-19).

Deste modo, ele define as três principais dimensões, sem, no entanto, afirmar que estas sejam mutuamente excludentes, ao contrário, podem inclusive se combinar para influenciar uma singularidade linguística. Segundo o autor, cada uma dessas dimensões podem inclusive fragmentar-se em partes menores, dependendo do caso. “Por exemplo: o uso determinado pela identidade do emissor ou receptor pode envolver uma complexa interação de fatores tais como idade, posição social e proximidade dos laços de parentesco” (BRIGHT, 1974, p.19). O autor aponta ainda outras dimensões. É o caso da Extensão da Diversidade:

Refere-se à diferença entre partes de uma única sociedade ou nação, oposta à diferença entre sociedades e nações distintas, e a diferença entre línguas distintas. (...) Sob o título de extensão parecem úteis três classificações: uma aqui chamada PLURIDIALETAL, inclui os casos em que as variedades de uma só língua, condicionadas socialmente, são usadas dentro de uma única sociedade ou nação. (...) Uma segunda classificação, aqui chamada PLURILINGUE, inclui os casos em que diversas línguas diferentes são usadas dentro de uma única sociedade ou nação. A terceira classificação é a PLURISOCIETAL, que inclui estudos de línguas distintas faladas em sociedades distintas. O objetivo neste caso é encontrar correlações entre diferenças na língua e diferenças na estrutura social, seguindo a linha da hipótese de Whorf que postula correlações entre as estruturas linguísticas e as culturas não-linguísticas a ela relacionadas (BRIGHT, 1974, p. 20-21).

A última dimensão destacada por ele é a da Aplicação:

A aplicação representa as mais amplas implicações inerentes às descrições da diversidade sociolinguística. (...) Podem-se reconhecer três categorias, correspondendo aos interesses de três tipos de pesquisador. A primeira aplicação, refletindo o interesse do sociólogo, abrange o uso de dados sociolinguísticos como um índice para diagnosticar a ESTRUTURA SOCIAL em geral ou fenômenos sociais particulares. (...) O segundo tipo de aplicação reflete o interesse do lingüista HISTÓRICO. As questões que se colocam são: as línguas mudam de maneira diferente sob circunstâncias sociais diferentes? Os diferentes dialetos sociais da

mesma língua mudam em graus ou formas diferentes? Como reflete a história da língua as interações de dialetos sociais? (...) O terceiro tipo de aplicação é o que é feito pelo PLANEJADOR LINGUISTICO (...) que tem de lidar com a política oficial no que diz respeito ao uso da língua (BRIGHT, 1974, p.21- 22).

A partir dos anos 1970 ocorre uma virada no processo de desenvolvimento da sociolinguística. As publicações relacionadas à temática começam a expandir-se, como revistas ou coletâneas de artigos. Encontra-se, ainda em 1972, Pier Paolo Gidlioli, que publica *Language and Social Context*, obra na qual encontramos os nomes de Joshua Fishman, Erving Goffman, Basil Bernstein, William Labov, John Gumperz, Charles Ferguson etc. (CALVET, 2002).

Nesse mesmo ano foi publicada uma coletânea de artigos denominada *Sociolinguistics*, com diversos autores, entre eles William Labov. Em 1974, foi publicado o livro *Sociolinguistics, na Introduction*, de Peter Trudgill, também a respeito da temática da Sociolinguística. Ainda, o livro *Introduction à La sociolinguistique*, as revistas *Language in Society*, depois o *Internacional Journal of the Sociolingu of Language* (CALVET, 2002).

Em suma, a Sociolinguística introduz uma nova perspectiva no estudo das línguas, acrescentando o contexto social, conseqüentemente os sujeitos e os usos que fazem da língua. A heterogeneidade e não a homogeneidade passa a ser considerada característica imprescindível à compreensão do uso da língua. A Sociolinguística estuda necessariamente a língua em toda a sua variedade e, para ela, não há línguas ou variedades superiores ou inferiores.

O intuito dela é captar e entender como essas variações acontecem e como se relacionam com o padrão que, conscientemente ou não, foi estabelecido dentro dessa mesma comunidade.

3.3.1 Teoria da Variação Linguística

A Teoria da Variação Linguística ou modelo teórico-metodológico de análise da Sociolinguística busca analisar e sistematizar as variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala (TARALLO, 1985). Esta teoria admite uma linguagem social em que se assume a possibilidade e a frequência de variações. Seu objetivo é estudar e categorizar a relação dessas variações com os sujeitos que a utilizam (SILVA, 2007).

Sua ênfase se dá sobre os aspectos sociais e linguísticos e de que forma encontram-se imbricados, a ponto de desencadear diversas variações entre os mesmos integrantes de uma comunidade.

(...) la variación, definida como el uso alterno de formas diferentes de decir lo mismo, se puede encontrar prácticamente en todos los niveles de la lengua, desde el más concreto (fonético- fonológico) al más amplio discurso, por ejemplo, pasando por la gramática y el léxico (FERNÁNDEZ, 2012, p.22).

A variação é compreendida como esse conjunto de produção no uso da língua que se modifica a partir de fatores linguísticos ou extralinguísticos. “Factores linguísticos (variación interna) y a la forma e o que lo hacen factores sociales como la edad, el sexo (género) o la profesión entre otros. Concepto fundamental: <<comunidad de habla” (FERNÁNDEZ, 2012, p.23).

Logo, variação linguística é o movimento comum e natural de uma língua, que varia principalmente por fatores históricos e culturais. É o modo pelo qual utilizamos sistemática e coerentemente termos de uma língua, de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural, no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente.

Nesse sentido, destacamos alguns exemplos abaixo que diz respeito às variações linguísticas em Língua Portuguesa:

Histórica: diz respeito à evolução da língua de acordo com o tempo. Exemplo:

“VOSSA MERCÊ”

“VOSMECÊ”

“VOCÊ”



Figura 01 – Pharmacia e Farmácia

Fonte: <https://decifrandoalingua.wordpress.com/2013/02/27/variacao-historica/23/10/2017>.

Regional: trata-se de palavras que significam a mesma coisa, faladas de forma distinta em regiões diferentes. Exemplo:

MANDIOCA = MACAXEIRA = AIPIM
VINA = SALSICHA
ARQUINHO = TIARA = DIADEMA = TRAVESSA

Social: relacionada aos grupos sociais, tais como: idade, sexo, classe social, gírias.

A explanação das variedades linguísticas da Língua Portuguesa são fundamentais para observarmos como a língua se estabelece nos mais variados contextos. Esse fenômeno também ocorre com a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

3.3.1.1 Variável e Variantes

De acordo com Tarallo (1985), as variantes são definidas como maneiras diversas de se dizer a mesma coisa. É preciso que se diga: as línguas não são homogêneas, elas variam, e isso é uma característica singular de toda e qualquer língua.

La lengua es variable y se manifiesta de modo variable. Con esto se quiere decir que los hablantes recurren a elementos lingüísticos distintos para expresar cosas distintas, naturalmente, pero a la vez tienen la posibilidad de usar elementos lingüísticos diferentes para decir unas mismas cosas. En efecto, el uso de ciertas unidades lingüísticas en lugar de otras puede expresar significados diferentes o, de forma más amplia, valores semánticos diferentes (FERNÁNDEZ, 2012, p.21).

Quando se tem diferentes maneiras para se dizer uma coisa, mas isto não altera o significado semântico, ou seja, pode-se usar para denominar tal coisa, tanto uma palavra quanto outra, está se falando de Variação linguística (FERNÁNDEZ, 2012).

Assim, é possível se afirmar que em toda comunicação há formas linguísticas em variação. Ao conjunto de variações os sociolinguístas denominam de variantes. E ao conjunto de variantes ou formas linguísticas em variação, dá-se o nome de “variável linguística”.

Conforme Tarallo há diversos tipos de variantes, que concorrem entre si:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade (TARALLO, 1985, p.11 e 12).

É evidente que essa classificação depende do contexto social da comunidade de fala e suas combinações também podem ser alteradas.

Al identificar un fenómeno de variación, las preguntas que surgen de modo inmediato, en cualquier nivel lingüístico, son ¿Por qué? ¿Cómo se ha originado? Y las respuestas suelen requerir el auxilio de disciplinas como la dialectología o de la historia de la lengua porque es habitual que haya factores extralingüísticos implicados en la variación: factores como la geografía (variación geolingüística), la historia (variación histórica) o la situación comunicativa, en su sentido más amplio (variación estilística). Todos estos factores pueden explicar o ser responsables de muchos casos de variación (FERNÁNDEZ, 2012, p.21/22).

Sendo assim, fica explícito que há diversas maneiras de se estudar e compreender uma variação linguística. Tudo vai depender do ângulo com o qual o sociolinguísta irá desenvolver o seu trabalho e das perguntas que toma como ponto de partida em seu estudo.

(...) los especialistas em sociolingüística se plantean preguntas más concretas: ¿cómo se manifiesta esa variación? ¿qué factores la determinan? ¿qué capacidad de determinación tiene cada uno de los factores concurrentes? ¿qué variantes lingüísticas caracterizan a unos grupos sociales y a otros? La sociolingüística se preocupa de estos asuntos porque los factores sociales también pueden determinar y explicar la variación (FERNÁNDEZ, 2012, p.21).

Segundo Fernández (2012), os autores Henrietta Cedergren e Humberto López Morales explicitaram quatro possibilidades de aparição de variação em uma língua em forma de perguntas, tais quais:

- a) Que las variantes vengan determinadas exclusivamente por factores lingüísticos.
- b) Que las variantes vengan determinadas exclusivamente por factores sociales.
- c) Que las variantes vengan determinadas conjuntamente por factores lingüísticos y sociales.
- d) Que las variantes no vengan determinadas por factores lingüísticos ni por factores sociales (FERNÁNDEZ, 2012, p.22).

Além disso, o autor afirma que dessas quatro opções as que mais interessam à Sociolinguística são as que dizem respeito às variantes influenciadas exclusivamente por fatores lingüísticos e às variantes determinadas por fatores lingüísticos e sociais conjuntamente, especialmente estas.

3.3.1.2 A variação e a normalização linguísticas

Apesar das pesquisas sociolinguísticas demonstrarem incisivamente que não há homogeneidade nas línguas, mas que a variação é intrínseca às mesmas, não significa que não haja uma certa padronização ou regularidade até mesmo nessas variações.

(...) a variabilidade da fala é passível de sistematização. A língua falada é, portanto, um sistema variável de regras. Obviamente, a esse sistema de variação devem corresponder tentativas de regularização, de normalização. Como grande estandarte dessa regularização surge a língua escrita tal qual ensinada nas escolas. A língua portuguesa veiculada na escola é, em princípio, um reflexo da norma-padrão (TARALLO, 1985 p.57-58).

Em outras palavras, a variação que é característica básica de toda língua, defronta-se também com tentativas de sistematização ou padronização, que são provenientes da ação pedagógica, gramaticais e até inconsciente da própria comunidade de fala, ao optar mais por uma ou outra forma de dizer algo. Toda essa focalização na normatização da língua contribui para a unidade nacional. Algumas variações persistem, mesmo que dentro de um controle, comprovando ser parte indispensável das línguas.

No que diz respeito à normatização ou sistematização da Libras, pensa-se quais seriam essas formas ou tentativas de unificar a norma-padrão em Libras. Acredita-se que haja uma maior unidade nacional em relação ao uso da Libras na atualidade, principalmente, após a publicação crescente de livros, enciclopédias, dicionários e mais especialmente, a criação do Exame de Proficiência em Libras (Prolibras) e do curso superior de Letras-Libras, que contribuiu para a formação de pessoas surdas em todo o país.

Vale destacar que, a partir de minha experiência como aluno deste curso, foram bastante profícuos os momentos de discussão entre sujeitos surdos de localização geográfica diferentes quando se deparavam com variantes linguísticas em Libras. E como essa compreensão da importância da variação como um fator inerente às línguas, inclusive à Libras, passou a ser desenvolvido e aceito pela comunidade surda.

3.3.1.3 Variação e mudança linguística

A partir da compreensão de variação linguística, é importante ressaltar que há ainda diferenças entre elas. Por exemplo, há variantes que conseguem “sobreviver”, independente de outra também em uso na mesma época e local, ou seja, elas coexistem apesar de assumir

formas diversas para dizer a mesma coisa. É o que é denominado pelos sociolinguístas como Variação Sincrônica, convivem umas com as outras no mesmo tempo, no presente.

Por outro lado, há outro tipo de variação que são substituídas por outras mais novas ou mais atuais, como uma espécie de “batalha”, na qual uma vence a partir da “força” que possui, podendo ser fatores linguísticos ou extralinguísticos que a empoderem e conseguem superar a antiga forma de se referir àquilo. Conhecida como Variação Diacrônica, uma é substituída pela outra, ou seja, uma fica no passado e a outra, passa a ser usada no presente.

Para Tarallo (1985), estas características irão depender da classe social do grupo que a utiliza:

(...) uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de status mais alto terá os índices mais elevados da variante de prestígio e, conseqüentemente, a frequência menor de uso da variante estigmatizada. Mas quando a mudança se inicia em um grupo intermediário, como é de costume, surge o padrão curvilíneo, o qual é regularmente associado à mudança em progresso (p.70).

Partindo dessa concepção, considera-se que o prestígio ou não de um grupo social influencia diretamente no uso de uma variação ou de outra. No entanto, pesquisadores alertam que o que define o que é prestígio, linguisticamente falando, dependerá do contexto em que vivem as pessoas e da singularidade de cada um. É o caso do uso de certas palavras em um contexto formal ou em um contexto informal, que dependem do contexto cultural do grupo.

3.4 Libras

3.4.1 Contextualização sociolinguística em língua de sinais

Para explicitar este estudo sobre variações em Libras, torna-se necessário inicialmente contextualizar a relação histórica entre língua de sinais e sociedade de maneira geral e as repercussões deste tipo de relação para o uso da língua pela comunidade surda. É importante destacar a relação intrínseca trazida pelos estudos sociolinguísticos entre a língua e a comunidade que a usa, o que significa que a dimensão social é fundamental para a compreensão de uma língua. Assim, a língua utilizada pelos indivíduos é antes de tudo, social.

Com relação às pessoas surdas, é possível afirmar que sofreram ao longo da história privações de diversas ordens que impactaram diretamente seu desenvolvimento. Entre elas, podemos destacar a privação linguística, seja pelo fato de não acessar a língua oral de forma natural devido à diferença na audição, seja pelas constantes proibições que sofreram no uso da língua de sinais.

Dessa forma, pode-se afirmar que a comunidade surda traz consigo uma história de grande sofrimento, restrições e aniquilamento que repercutiram direta ou indiretamente no uso de uma língua. E para falar da relação entre língua de sinais e sociedade, é inevitável tocarmos nesse ângulo.

Em uma breve contextualização, as pessoas surdas na Antiguidade, de maneira geral, eram literalmente eliminadas, pois os outros as viam como uma maldição ou castigo para a aldeia. Dali surgem e se mantêm concepções que se arrastam até os dias atuais de que a pessoa surda é incapaz, ineducável e, portanto, sem língua. Alguns até hoje acreditam que os surdos vivem no mundo do silêncio ou que conseguem compreender tudo o que é dito em língua oral, não necessitando de uma língua específica. A ausência de comunicação em língua oral traduzia-se como incapacidade para a vida em sociedade ou posteriormente para a educação.

No entanto, encontra-se em Platão um trecho em que o grande filósofo Sócrates ao fazer uma reflexão sobre a comunicação humana, levanta a seguinte questão: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos uns ao outros. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Ao que Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (PLATÃO, 368 a.C.). Esta reflexão tem servido para comprovar a presença de língua de sinais desde a Antiguidade. No entanto, é sabido que essa comunicação peculiar das pessoas surdas não era vista como uma língua, mas simplesmente como gestos naturais ou mímica, denotando uma evidente desvalorização da língua de sinais e, conseqüentemente, das pessoas surdas que a utilizavam.

Até o Século XV os surdos eram impedidos de se confessar, casar ou receber heranças, a menos que recebessem um favor papal (STROBEL, 2008; SKLIAR, 1998; GOLDFELD, 1997). A partir da Idade Moderna, a questão da surdez salta de uma ótica religiosa para uma posição científica. E começa-se a refletir sobre uma provável cura da surdez, ou seja, o que anteriormente se via como maldição passa a ser compreendido como doença.

Dessa forma, os estudos anatômicos passam a se desenvolver, inclusive o estudo da anatomia e funcionamento do ouvido, levantando uma hipótese de cura sobre a surdez. Nesse contexto, a questão da língua passa a ser secundária, pois o que estava em foco era uma suposta regeneração da audição, que iria possibilitar conseqüentemente o desenvolvimento natural da língua oral.

Os principais desenvolvedores desses estudos foram os médicos europeus. Um dos desfechos dessas pesquisas foi o desencadeamento de ações pedagógicas sobre o sujeito surdo

visando à aprendizagem da língua oral. Observa-se, então, um grande descompasso entre a relação que a sociedade mantinha com os sujeitos surdos e sua língua de sinais, que sempre existiu.

Além do olhar médico, havia uma grande iniciativa por parte de religiosos no sentido de acolher e educar sujeitos surdos. Alguns a partir da compreensão de que deviam aprender a língua oral, outros a partir do uso do alfabeto manual e outros, posteriormente, a partir do uso da língua de sinais em sua educação, ainda que não soubessem que era uma língua, mas uma comunicação utilizada pelos surdos, como é o caso do Abade Charles Michel de L'Épée na França em 1770.

Todo surdo-mudo enviado a nós já tem uma linguagem. Ele tem o hábito de usá-la e compreende os outros que o fazem. Com ela, ele expressa suas necessidades, desejos, dúvidas, dores etc. e não erra quando os outros se expressam da mesma forma. Nós desejamos instruí-los e assim ensiná-los o francês. Qual é o método mais simples e mais curto? Não seria nos expressando na sua língua? Adotando sua língua e fazendo com que ela se adapte a regras claras, nós não seríamos capazes de conduzir a sua instrução como desejamos? (L'ÉPÉE *apud* MOURA, 2000, p.23).

Desse modo, evidencia-se mais uma vez que a língua de sinais existia e era usada pela comunidade surda, mas até o momento não havia comprovações de seu status linguístico. Contudo, uma polêmica se instaura entre os pesquisadores e educadores de surdos dos países europeus, seguida de perto pelos demais países dos outros continentes: O que devia-se ensinar aos sujeitos surdos? A língua oral, língua das pessoas ditas normais, os ouvintes? Ou a comunicação gestual utilizada pelos surdos, pessoas consideradas deficientes?

Os defensores do uso e ensino da língua oral pela comunidade surda ficaram conhecidos como oralistas e os profissionais que trabalhavam na educação de criança surda a partir da língua de sinais se intitulavam gestualistas, traduzindo como era vista a língua de sinais naquele contexto, isto é, como gestos, não como língua.

Como coroamento dessa disputa, foi organizado em 1880 em Milão na Itália, o II Congresso Internacional de Educadores de Surdos, no qual foi dada uma resposta à questão levantada anteriormente, sobre qual a melhor forma de comunicação a ser desenvolvida com os surdos? E nesse congresso, em que os profissionais surdos foram impedidos de votar, ficou decidido que a língua oral deveria ser a única forma de comunicação e educação das pessoas surdas. A partir dali, a comunicação gestual, como era conhecida a língua de sinais, foi proibida por quase um século.

(...) a educação do surdo reduziu-se ao ensino da oralização, os professores surdos foram expulsos, a língua de sinais foi banida e a comunidade surda foi excluída da

política das instituições de ensino, por ser considerada um perigo para o desenvolvimento da linguagem oral (CAPOVILLA, 2000, p.101).

Todavia, após um período completamente conturbado no que diz respeito à comunicação dos surdos, que trouxe consequências inestimáveis à sua educação, desenvolvimento linguístico, emocional e social, em 1960 o linguista William Stockoe desenvolveu nos Estados Unidos o que ficou conhecido como “os primeiros estudos de caráter linguístico sobre a língua de sinais”.

Este estudo trouxe como consequência a comprovação de que as línguas de sinais são línguas tanto quanto as línguas orais, possuindo todos os níveis linguísticos de organização de uma língua. Stockoe escreveu o primeiro dicionário de língua de sinais americana (ASL) e desenvolveu argumentos em favor de uma cultura surda.

Este estudo propiciou às línguas de sinais no mundo inteiro e não só nos EUA uma mudança drástica de posicionamento científico com relação às línguas de sinais, consequentemente, à comunidade surda de maneira geral, que passou de conjunto de pessoas defeituosas e incapazes para uma comunidade linguística, uma comunidade de fala.

A partir daí, vários estudos se desenvolveram no intuito de comprovar o *status* linguístico das línguas de sinais em diversos países, inclusive no Brasil, vinte anos depois. Em suma, a relação entre as línguas de sinais e a sociedade de maneira geral se deu de maneira excludente, clandestina e até proibitiva, o que repercutiu também em seu uso e desenvolvimento linguístico até o presente momento.

Atualmente, presenciamos um aparato legalista como proteção e reconhecimento da língua de sinais em diversos países, inclusive no nosso. Assim como, um desenvolvimento científico a partir da criação de cursos de graduação, como o Letras-Libras, já citado anteriormente, o que tem possibilitado o incremento considerável de pesquisas linguísticas sobre língua de sinais por todo o país, inclusive sobre as variações linguísticas.

Deste modo, referente à língua de sinais podemos afirmar que é uma língua de modalidade visoespacial, considerada pelos linguistas como um sistema legítimo do povo surdo (STOKOE, 1960).

Quadros e Lodenir (2004) também perceberam e comprovaram que a Língua brasileira de sinais contempla todos os aspectos linguísticos de uma língua, seja no léxico, na sintaxe e na semântica, com a capacidade de formar uma quantidade infinita de sentenças.

3.4.2 – Fonologia

Tratando-se especificamente da Língua Brasileira de Sinais (Libras), podemos defini-la através dos seguintes parâmetros fonológicos:

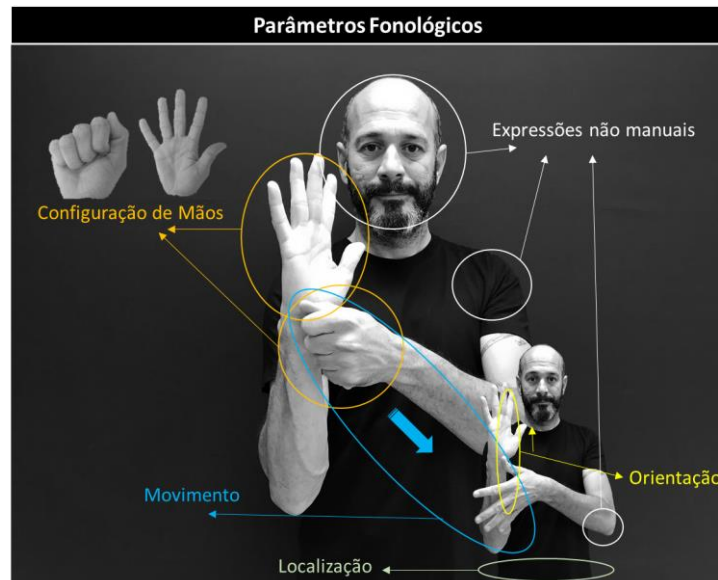


Figura 02 – Parâmetros Fonológicos

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

De acordo com Quadros & Karnopp (2014), observa-se que o contraste de um dos parâmetros altera o significado dos sinais. Exemplo:



Figura 03 – Contraste de um dos parâmetros: Trabalho e Vídeo

Fonte: Adaptação do autor a partir de QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, 2004

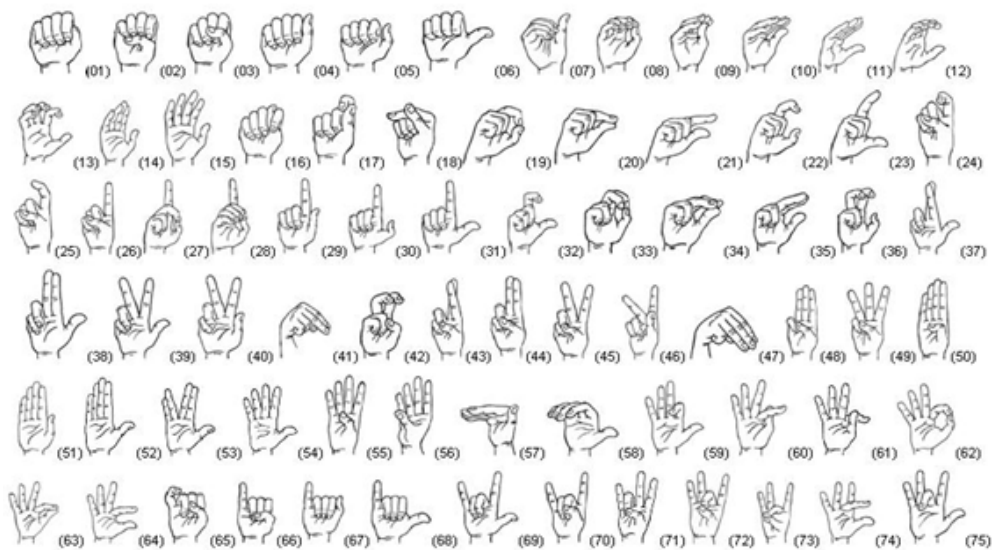
Talvez, alguns questionem o aspecto fonológico da Libras, já que afirmamos que ela é uma língua visoespacial, portanto, prescinde dos sons. No entanto, destacamos uma citação de Quadros & Lodernir (2004), que afirma que:

O fato de as línguas de sinais mostrarem estrutura dual (isto é, unidades com significado (fonemas) apesar do conjunto de articuladores ser completamente diferentes daquele das línguas orais, atesta a abstração e a universalidade da estrutura fonológica nas línguas humanas (p.53).

No próximo item, detalhamentos cada um dos aspectos fonológicos da Libras, a fim de possibilitar melhor compreensão quando fizermos a análise fonológica das variações encontradas nesta pesquisa.

3.4.2.1 Configuração de Mão (CM)

Há, atualmente, 75 configurações de mãos pesquisadas por Faria-Nascimento (2009, p.37). De acordo com a autora, a configuração de mãos é a forma das mãos no momento da articulação do sinal.



QUADRO DE CONFIGURAÇÕES DE MÃO (FARIA-NASCIMENTO, 2009)

Figura 04 – Quadro de Configuração de Mão

Fonte: Faria-Nascimento, 2009.

3.4.2.2 Localização (Locação)

A Locação é “aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo em que ou perto da qual o sinal é articulado” (STOKOE *apud* QUADROS & LODERNIR, 2004, p.57).

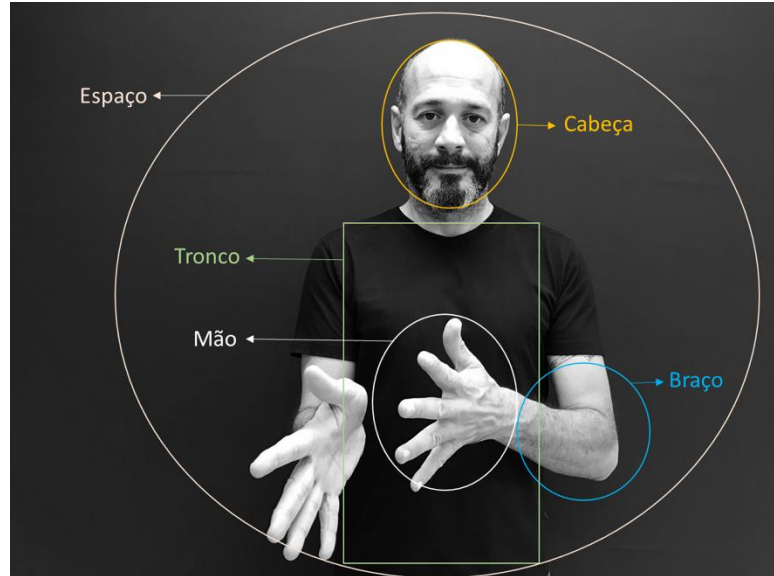


Figura 05 – Localização
Fonte: Elaborado pelo autor

3.4.2.3 Movimento (M)

Há sinais em que o movimento define sua semântica. Há movimentos internos da mão do pulso e os direcionais no espaço. Exemplo:





Figura 06 – Movimento: AZUL CLARO e AZUL ESCURO
 Fonte: Adaptação do autor a partir de QUADROS, R. M. de; KARNOPP, 2004.

3.4.2.4 Orientação da Palma da Mão (OM)

Orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal.

Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR se opõem, em relação à direcionalidade, por exemplo:



Figura 07 – Orientação de mão: IR e VIR
 Fonte: Adaptação do autor a partir de QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, 2004

3.4.2.5 Expressões Não-Manuais (ENMs)

O movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco configuram as expressões não-manuais, elas marcam as construções sintáticas. Como por exemplo, as sentenças

interrogativas, as orações relativas, topicalizações, concordância e foco. Também estabelecem a diferenciação de itens lexicais, tais como: referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto.

Expressões não-manuais da Língua de Sinais Brasileira (Ferreira – Brito e Langevin 1995)	
Rosto	
Parte superior	sobrançelas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrançelas levantadas
Parte inferior	bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrançelas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz
Cabeça	balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás
Rosto e cabeça	cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrançelas franzidas cabeça projetada para atrás e olhos arregalados
Tronco	para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombros

Figura 08 – Quadro de Expressões não-manuais da Língua de Sinais Brasileira
Fonte: QUADROS, R. M. de; KARNOPP, 2004 p.61.

Além dos parâmetros fonológicos, a Libras possui todos os outros aspectos gramaticais que as demais línguas, tais como Morfologia, Sintaxe e Semântica, cada um com suas riqueza e complexidade. Mas, em virtude do enfoque deste trabalho ser apenas nas variações do tipo fonológica, não iremos detalhá-los.

Sendo assim, para tornar mais claro o nosso texto, adentraremos em seguida diretamente no aspecto relacionado à Variação Linguística em Libras.

3.4.3 Variação linguística em Libras

As pesquisas e análise das línguas de sinais comprovaram seu *status* de língua, os critérios linguísticos de uma língua, tanto no léxico, na sintaxe, quanto na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Stokoe (1960) investigou a formação do sinal e definiu três parâmetros que eram realizados simultaneamente na formação de um sinal: configuração de mãos, localização e movimento. Em 1974, outro pesquisador chamado Battison identificou um quarto parâmetro: a orientação das palmas das mãos, posteriormente, em 1978, Baker e Padden incluíram os traços não manuais – expressão facial, movimentos da boca e direção do olhar.

Desse modo, cada comunidade surda do mundo cria sua língua de sinais conforme sua experiência visual, cultura e identidade de seu país, confirmando que a língua de sinais não é universal. No Brasil denomina-se Libras – Língua Brasileira de Sinais, língua utilizada pelos surdos brasileiros que recentemente foi reconhecida e regulamentada por lei como primeira língua – L1 e o português escrito como segunda língua – L2, a Lei de Libras -10.436/2002.

Para melhor entendermos os aspectos que compõem esta língua tão diferente iremos explicar como ocorrem suas variações linguísticas. A variação linguística é propriedade de toda e qualquer língua. Assim, as línguas de sinais também variam conforme o tempo, a região, a idade das pessoas, entre outros aspectos. Mas além desses fatores, é importante frisar que no caso da comunidade surda acrescenta-se a falta de acessibilidade linguística, comunicacional, cognitiva e econômica interferindo fortemente nessa variação.

A temática da variação linguística em Libras tornou-se mais forte quando o curso Letras-Libras passou a ser ofertado no Brasil em regime semi-presencial e a comunidade surda pode se deparar com a variedade de sinais utilizados por diferentes comunidades surdas do mesmo país e que nunca haviam sido confrontadas. Daí por diante o estudo linguístico sobre as variações em Libras tem se expandido cada vez mais.

De acordo com Saussure *apud* (NASCIMENTO, 2011) há dois tipos de variações linguísticas, a sincrônica e a diacrônica. A sincrônica é compreendida como o tipo de variação que compreende a questão da faixa etária, o nível socioeconômico, o espaço geográfico diferente, que ocorrem no mesmo período, no mesmo tempo. Por outro lado, as mudanças

linguísticas que ocorrem em função do tempo decorrido, ou seja, com o passar dos anos, foram denominadas por Saussure como variação diacrônica.

Tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais há exemplos de variações linguísticas sincrônicas ou diacrônicas. Aliás, conforme Nascimento (2011), toda língua possui uma variação e outra, enquanto estiver sendo usada pela comunidade falante.

A autora supracitada cita ainda exemplos de variação linguística diacrônica ocorrida na Libras ao se referir aos pronomes MEU, TEU e SEU. E com relação à variação sincrônica, apresenta o sinal de PESSOA, que é construído em formatos diferentes, dependendo do local em que é produzida. Na Variação Diacrônica temos:



Figura 09 – Pronomes Possessivos em LSB, no passado
Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.



Figura 10 – Pronomes Possessivos em LSB, atualmente
Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.

Na Variação Histórica: a mudança histórica ocorre com a alteração dos sinais influenciada pela modificação de costumes das gerações que os utilizam.



Figura 11 – Variação Histórica: PADRE
Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.



Figura 12 – Variação Histórica: ÁGUA
Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.



Figura 13 – Variação Regional: TAMBÉM

Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.



Figura 14 – Variação Regional: INGLÊS

Fonte: Adaptação do autor a partir de Faria-Nascimento, 2011.

Além disso, as línguas de sinais se distinguem das línguas orais, uma utiliza o canal visual-espacial e a outra o oral-auditivo, mas ambas possuem um léxico e uma gramática. Como em qualquer língua há as variações linguísticas também nas línguas de sinais, assim sendo, a Língua de Sinais Americana (ASL) é diferente da Língua de Sinais Francesa (LSF) que difere da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (STROBEL, 1998).

Exemplo: “Por favor”



Figura 15 – POR FAVOR EM ASL e LIBRAS
 Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.

Encontramos ainda as diferenças regionais no mesmo país, confirmando seu caráter de língua natural. Vejamos abaixo alguns exemplos de variações em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Variação Regional: diz respeito às variações que se alteram de acordo com a região, dentro do mesmo país (STROBEL K.L. & FERNANDES, S. 1998).



Figura 16 – Variação Regional: VERDE
 Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.



Figura 17 – Variação Regional: MAS
 Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.



Figura 18 – Variação Regional: BOA TARDE
 Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998



Figura 19 – Variação Regional: AVIÃO

Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.



Figura 20 – Variação Regional: SEMANA

Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.

Variação Social: a variação social tem como característica a manutenção do sentido do sinal, variando apenas quanto a configuração de mãos e/ou o movimento (STROBEL K.L. & FERNANDES, S. 1998).

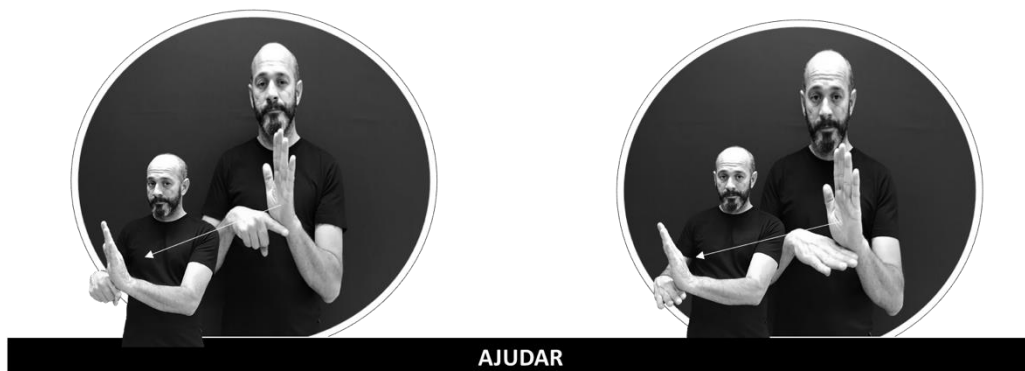


Figura 21 – Variação Regional: AJUDAR

Fonte: Adaptação do autor a partir de STROBEL, K.L; FERNANDES, S.1998.

De acordo com o que foi mostrado constata-se que o mesmo fenômeno que acontece com a Língua Portuguesa ocorre com a Libras, comprovando seu status de língua. Além

disso, é válido destacar a importância que a cultura surda assume na produção dos sinais e vice-versa.

Em outras palavras, a forma como os surdos interagem no mundo por meio da língua de sinais, da experiência visual, é o que se denomina de cultura surda. “A língua de sinais faz parte da experiência vivida da comunidade surda, e, como artefato cultural, também é submetida à significação social” (SÁ, 2002 p.86).

Nesse sentido, a cultura surda tem forte amparo na língua de sinais e no modo como as pessoas surdas respondem e interagem com a sociedade de modo geral.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Em outras palavras, a cultura surda é o modo de vida das pessoas surdas sinalizantes, seus valores, suas normas, suas regras, que tem influência decisiva na construção da identidade surda. Um espaço fundamental nessa constituição e desenvolvimento da cultura surda tem sido as associações de surdos, ou seja, os lugares onde estas pessoas se reúnem com frequência para falarem em língua de sinais, trocar valores, discutir concepções e desenvolver um modo peculiar de ser e estar no mundo.

No que se refere ao aspecto epistemológico, pode-se perceber a cultura surda como cultura no momento em que a diferença cultural dos surdos emerge como diferença naquela sombra do pós-colonial. Compreende-se a cultura surda como uma questão de diferença, um espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da diferença, da alteridade, da identidade. Percebe-se que o sujeito surdo está descentrado de uma cultura e possui uma outra cultura. Percebe-se o surdo em seu deslocamento da cultura ouvinte ou cultura universal e emergente na problemática da diferença cultural própria (THOMA & LOPES, 2004, p.76).

A cultura surda também serve como resistência a um modelo ouvintista, que acredita que ser ouvinte é o normal, o padrão, a referência e que as pessoas surdas possuem um déficit, uma falta. E não é isso que a comunidade surda acredita.

A cultura surda exprime valores, crença que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de geração passada ou de seus líderes surdos bem-sucedidos, através das associações de surdos. Infelizmente, elas não são procuradas pela família que procuram as escolas primeiro, porque elas oferecem aos surdos o modelo ouvinte próximo, isto é, “normais”, perante a sociedade ouvintista (STROBEL, 2008, p.26).

Um dos principais elementos da cultura é a língua; no caso da comunidade surda, a Língua de Sinais. Desta forma, a Libras é o principal veículo de comunicação das comunidades surdas brasileiras e permite que o isolamento e a falta de acessibilidade a inúmeros contextos sociais possam ser eliminados.

Todo este trabalho requer um “mergulho” na gramática da Língua Brasileira de Sinais, em seus aspectos linguísticos, nos documentos relacionados à sua sistematização e nos estudos anteriores nessa perspectiva, que porventura existirem, a fim de proporcionar uma melhor compreensão e descrição das variantes linguísticas de termos específicos dessa língua e em determinados aspectos dessa região.

Sendo assim, analisamos variações linguísticas em Língua Brasileira de Sinais no contexto das cidades de Porto Velho e Rio Branco, a fim de destacar sua importância no contexto sociocultural da comunidade usuária da Libras, assim como, reconhecer os aspectos que a caracterizam.

4 RESULTADOS

Após as entrevistas e aplicação de questionário, organizamos os resultados em: Perfil socioeconômico dos entrevistados, tabela com imagens e principais informações dos elementos culturais utilizados e as variáveis sincrônicas encontradas.

4.1 Perfil dos entrevistados

As variáveis estudadas aqui compõem uma representação do vocabulário em Língua Brasileira de Sinais (Libras), utilizado principalmente na Região Norte, nas cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC) pelas comunidades surdas de ambas as cidades.

Na amostra composta por sujeitos surdos, todos os entrevistados são filhos de ouvintes, com acesso à comunidade surda e à cultura surda, fluentes em Libras, cursando ou com curso superior completo, de forma que a maioria possui um contexto próximo ao do pesquisador no que tange ao meio acadêmico.

Além disso, dos entrevistados, grande parte reside em Porto Velho há mais de 35 anos e em Rio Branco há mais de 25 anos, ou seja, a ampla maioria nasceu e vive na cidade pesquisada, o que pode nos dizer de um uso linguístico frequente e elaborado em Libras e nas variações locais.

De acordo com a Sociolinguística, uma variação pode sofrer tanto influência de fatores linguísticos propriamente ditos, quanto de fatores sociais. Nem sempre as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo. Nesta amostra, buscamos contextualizar socialmente os entrevistados, destacando seu nível de escolaridade, profissão, acesso aos bens econômicos, cultura surda, entre outros, a fim de nos dar parâmetro para a análise sociolinguística das variáveis encontradas.

Sendo assim, o estudo destas variações ocorreu dentro de comunidades surdas, que são aparentemente próximas, principalmente no que diz respeito à localização geográfica. Mas que pela especificidade da língua, ausência de acessibilidade e pela relação complexa que possuem com a sociedade, acaba por contribuir com o agrupamento de comunidades surdas um pouco mais fechadas do que outras.

Deste modo, obtivemos o perfil geral da amostra. Eis os seguintes resultados:

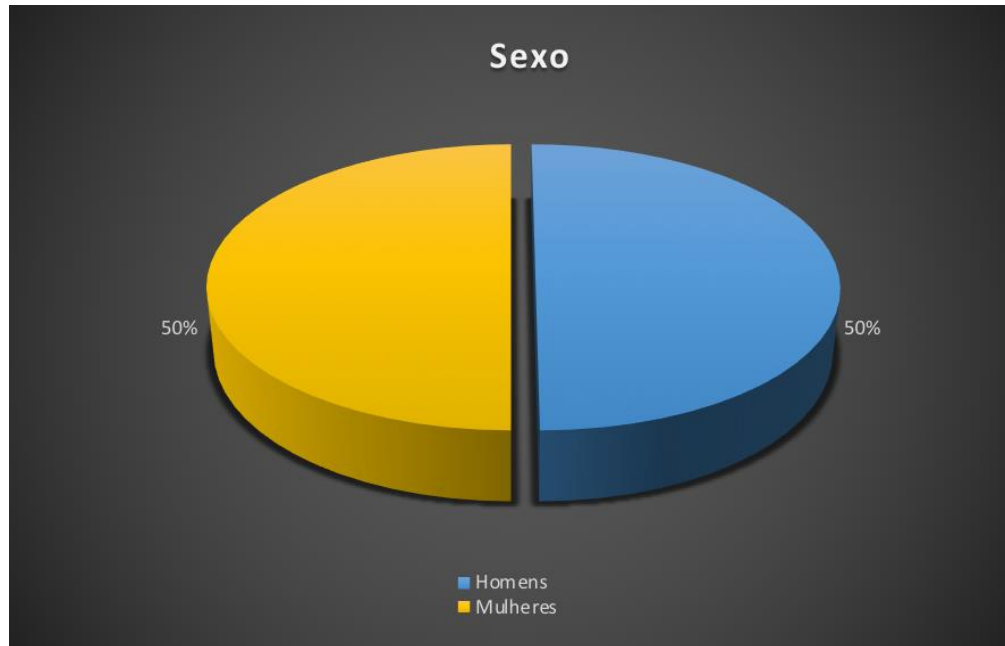


Figura 22 – Sexo
Fonte: Elaborado pelo autor

A amostra foi composta por 50% de mulheres surdas e 50% de homens surdos. Em momento algum, foi percebido uma perspectiva diferente com relação à temática da variação linguística pelo fato do sexo dos entrevistados.

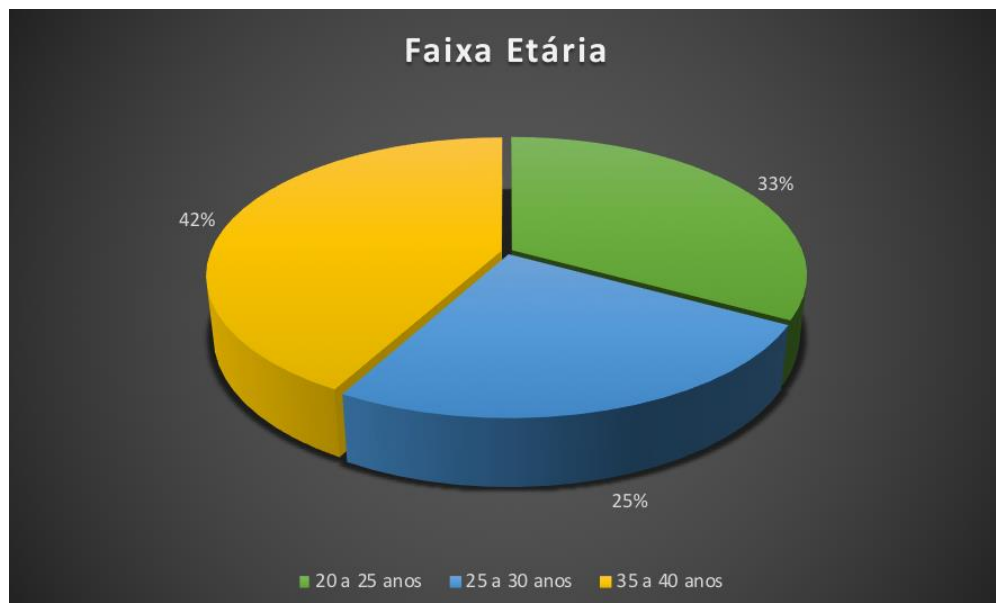


Figura 23 – Faixa Etária
Fonte: Elaborado pelo autor

Pelo exposto, a maioria dos entrevistados encontra-se na fase adulta, isto é, entre 35 e 40 anos, o que pode nos influenciar a compreender que o uso linguístico da Libras e as

variações apontadas neste trabalho estão solidamente concretizadas na comunicação destes pares.

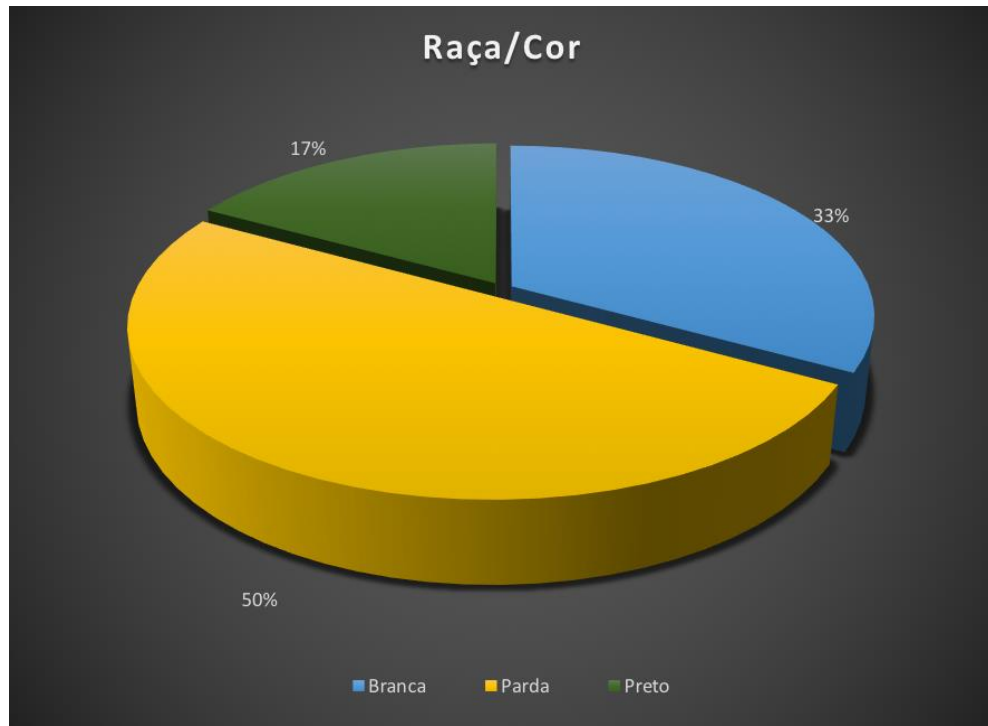


Figura 24 – Raça/Cor
Fonte: Elaborado pelo autor

Identificamos neste resultado que a maioria dos entrevistados compõe a categoria denominada NEGRA (50% pardos e 17% pretos). No entanto, em uma região onde a origem indígena é preponderante, notou-se que nenhum dos entrevistados se autodenominou assim. Isto pode ser um fato, ou pode estar relacionado à ausência de um trabalho sobre a identidade regional do sujeito pesquisado, ou seja, um sentimento de pertença com a cidade ou região na qual vive a maior parte de sua vida.

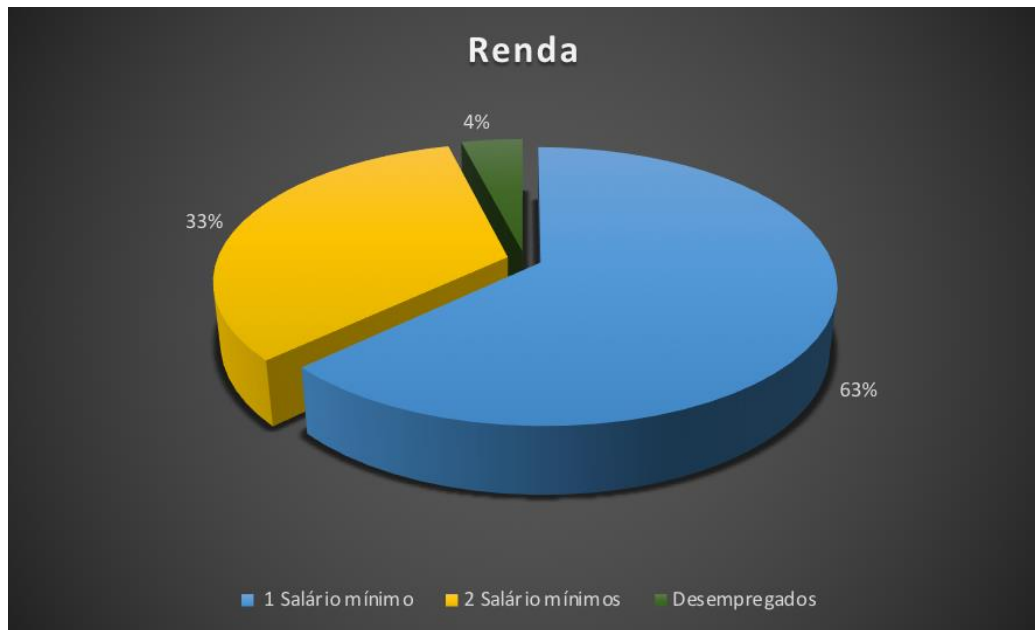


Figura 25 – Renda
Fonte: Elaborado pelo autor

O que primeiro se destacou nesta pesquisa foi a condição socioeconômica dos entrevistados, a maioria possui um salário mínimo como renda e a nosso ver, esta situação social e econômica precária acabou influenciando também na variação linguística. Percebemos que algumas imagens que retratavam comidas típicas da Região Norte não eram conhecidas por alguns entrevistados, portanto, nem sinal tinha em alguns contextos. Sabe-se que a Região Norte apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito abaixo das demais regiões brasileiras, exceto a Região Nordeste, e esta realidade influencia diretamente na acessibilidade econômica, social e cultural de qualquer sujeito, neste caso, além de tudo, influencia na acessibilidade linguística.

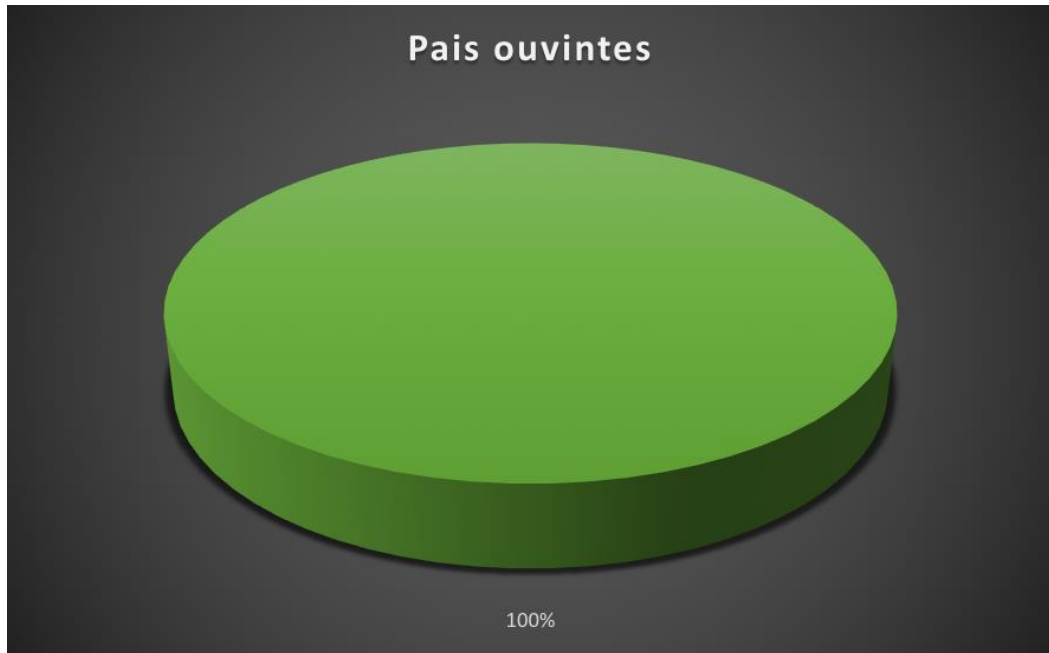


Figura 26 – Pais ouvintes
Fonte: Elaborado pelo autor

Como outras pesquisas apontam, 100% dos entrevistados são filhos de pais ouvintes. Este dado deve servir para se pensar em políticas públicas que fortaleçam o laço familiar, tanto no aspecto comunicacional, quanto no emocional, para não haver consequências desastrosas nesses campos. Além disso, há uma imperiosa necessidade de escolas com profissionais capazes de ensinar a Libras para os estudantes surdos. Conforme o dado que iremos ver em seguida, a maioria dos entrevistados aprendeu Libras nas escolas.

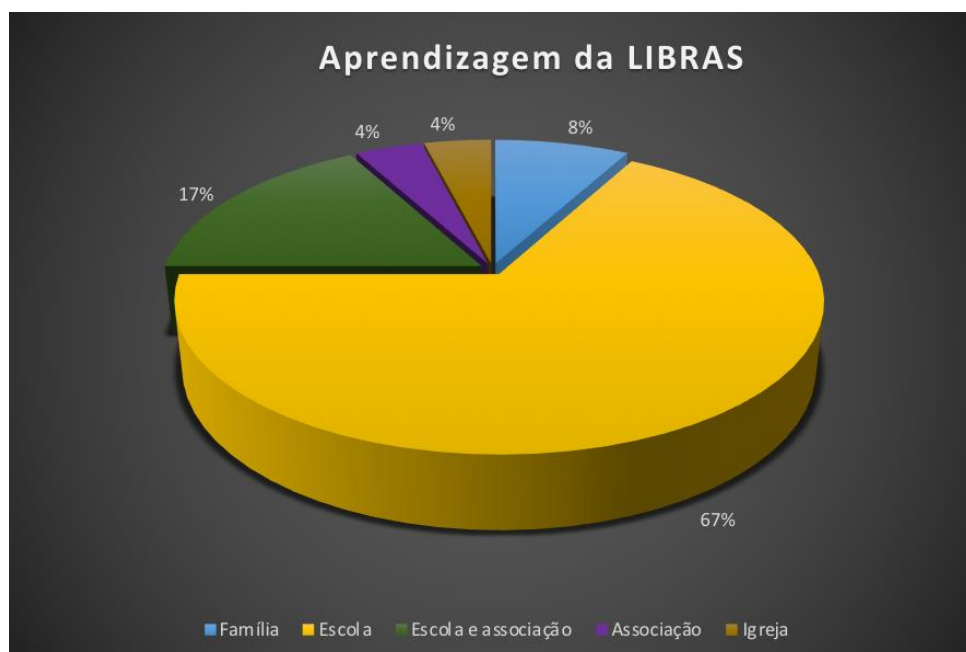


Figura 27 – Aprendizagem da LIBRAS
 Fonte: Elaborado pelo autor

Outro dado bastante interessante nesta pesquisa é adoção governamental de políticas públicas educacionais na área de surdez como alavanca propulsora de desenvolvimento sociolinguístico nos sujeitos surdos entrevistados. De 100% dos entrevistados, 67% aprenderam Libras na escola, o que comprova ainda mais a importância de investimento educacional para os sujeitos surdos, considerando-se que 95% são filhos de pais ouvintes (nesta pesquisa 100%), o que acarreta a necessidade de políticas públicas robustas, pois a escola passa a ser na maioria das vezes o primeiro local de aprendizagem.

Além disso, chama a atenção o dado que aponta para a aprendizagem da Libras na escola ao mesmo tempo que na associação de surdos, ou seja, a associação desponta como outro *lócus* fundamental no desenvolvimento linguístico da pessoa surda. É evidente que este espaço também se configura como ponto de desenvolvimento identitário e cultural do sujeito surdo.

Apesar de 8% dos entrevistados informarem que aprenderam Libras na família, levanta-se o questionamento: se 100% dos entrevistados possuem pais ouvintes e dificilmente os ouvintes sabem Libras, a menos que trabalhem nessa área, pergunta-se se os entrevistados não estão se reportando ao uso de gestos caseiros, etapa inicial de aprendizagem de uma comunicação gesto-visual, mas que ainda não é a língua de sinais propriamente dita, no entanto, a favorece em seu desenvolvimento.

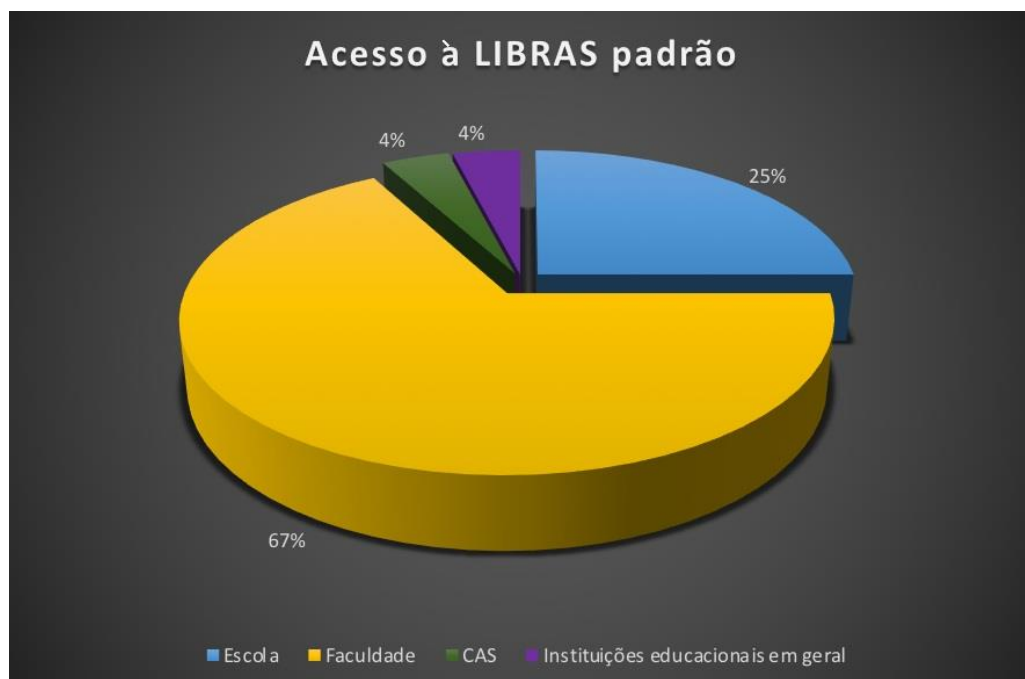


Figura 28 – Acesso à Libras Padrão
Fonte: Elaborado pelo autor

Os cursos superiores apresentam-se como uma oportunidade de aprofundamento da Libras em sua norma padrão, mais ainda, em sua norma gramatical, o que favorece o acesso à uma variação linguística de prestígio, uma Libras usada por acadêmicos ou profissionais. Além do mais, o acesso ao contexto acadêmico favorece o encontro com a possibilidade metalinguística sobre a língua de sinais, ou seja, pensar sobre a própria língua.

Como segundo local importante nesse encontro surdo/língua de sinais padrão, os entrevistados situaram a escola mais uma vez, o que só comprova sua importância no desenvolvimento cognitivo, linguístico, cultural e social do sujeito surdo.

Outros entrevistados responderam que as instituições que atuam na área da educação de forma conjunta propiciam, da mesma forma, o acesso à norma padrão da língua de sinais brasileira. Em outras palavras, é preciso que se construa ou se fortaleça a rede de instituições capazes de promover o desenvolvimento da pessoa surda em todos os seus aspectos, inclusive linguístico.



Figura 29 – Acesso à Comunidade e Cultura Surda
Fonte: Elaborado pelo autor

Apesar de 100% dos entrevistados possuírem vínculo com a comunidade surda e, conseqüentemente com a cultura surda, observou-se que do campo cognitivo e linguístico formal, o sistema educacional ainda é o *locus* de crescimento intelectual e comunicacional mais preponderante.

No entanto, sabe-se que o acesso à comunidade surda e seus aspectos culturais favorece o desenvolvimento de um sentimento de pertença, logo, identitário e comunitário, imprescindível ao avanço do sujeito surdo em diversos aspectos, inclusive os políticos, sociais e linguísticos.



Figura 30 – Profissão
Fonte: Elaborado pelo autor

Outro dado bastante interessante, resultado desta pesquisa, é o fato de 50% dos entrevistados serem professores de Libras, além de serem fluentes no uso da Libras, os

mesmos se destacam como profissionais de ensino dessa língua, ou seja, já possuem uma inserção didática e metalinguística no uso da Libras.

Os 9% que afirmaram serem instrutores de Libras representam possivelmente as pessoas surdas que ainda não concluíram o ensino superior, mas que já atuam em um campo de reflexões teóricas e práticas a respeito da Libras.

Os outros 9% que atuam como professores de universidades também estão ensinando a outras pessoas como usar a sua língua. O que este dado demonstra em geral é que 68% dos entrevistados encampam a profissão na área do ensino de Libras, o que mais uma vez, retrata uma amostra linguisticamente estruturada e comprometida com o uso e suas variações locais.

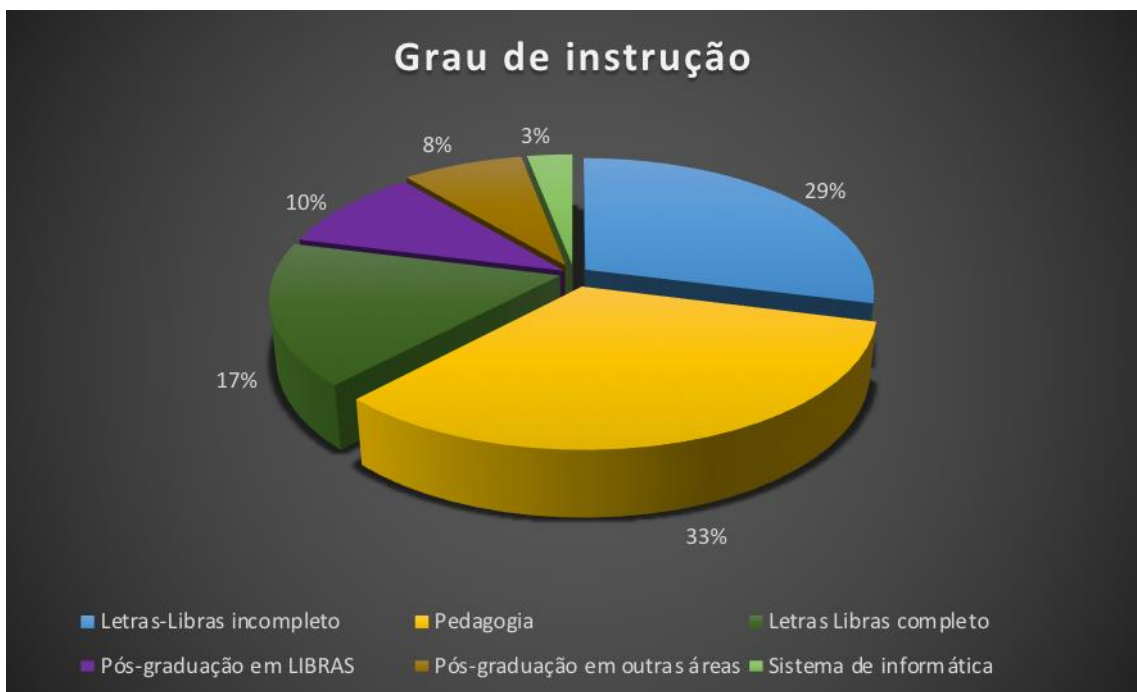


Figura 31 – Grau de instrução
Fonte: Elaborado pelo autor



Para encerrar, nos preocupamos em saber qual o grau de instrução dos entrevistados. De maneira surpreendente, o curso de Pedagogia desponta com 33% dos entrevistados, o que revela uma aproximação com a ação de ensinar. Outro dado bastante relevante é o do curso de Letras/Libras com 29% de formandos e 17% de formados. Vale destacar que o referido curso visa formar profissionais para atuar com a disciplina Libras e possui em sua matriz curricular mais de cinco disciplinas de Libras.

Ademais, as pós-graduações em Libras também se destacam, com 10% dos entrevistados. Chamou atenção neste dado ainda o fato de termos entre os entrevistados



peessoas que possuíam uma excelente formação, com mais de um curso superior e pós-graduação e, mesmo assim, isto não tem repercutido economicamente, considerando que apenas uma minoria recebe dois salários mínimos, alguns encontram-se desempregados e outros continuam trabalhando no comércio, como repositor de mercadorias em supermercados.

4.2 Imagens bilíngues representativas da Região Norte

No primeiro momento da pesquisa, mostramos aos sujeitos surdos dezoito imagens de animais, comidas, frutas e peixes, bastante conhecidos na região, não só pela comunidade surda, mas pela comunidade ouvinte local.

<p>ANTA</p>		<p>Nome popular: Anta Nome científico: <i>Tapirus terrestris</i> Comprimento: de 1,8 a 2,4 metros de comprimento. Peso: de 225 a 270 quilos Características: São mamíferos, parentes dos cavalos e dos rinocerontes. Tem corpo pesado e pernas curtas. Seu focinho é mole e flexível, como se fosse uma minúscula tromba de elefante. Usam o focinho para mover coisas para o lado e encontrar comida. Libras: Sinal evidenciando o focinho e respectiva flexibilidade. Distribuição Geográfica: No Brasil, são mais encontradas nas áreas próximas aos rios Paraná e Paraguai, na bacia do rio da Prata e na bacia do rio Amazonas. Fonte: Brittanica Escola¹</p>
<p>ARARA-VERMELHA</p>		<p>Nome popular: Arara-vermelha, arara-vermelha-grande Nome científico: <i>Ara chloropterus</i> Comprimento: 90 a 95 cm. Peso: 1050 a 1708 g. Características: Sua plumagem predominante é vermelha, com penas verdes nas asas e tem uma fina fileira de penas vermelhas na pele facial branca. A parte mais baixa das costas, a anca e a região coberta pelo rabo são azuis. Distribuição Geográfica: No Brasil, pode ser encontrada desde a Amazônia até o oeste do Piauí, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná. Libras: Sinal composto pelo bico e a cor</p>

¹ Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/anta/482636>. Acesso em 30 de mar. de 2018.

		vermelha. Fonte: Projeto Arara Azul ²
BICHO-PREGUIÇA		<p>Nome popular: Bicho Preguiça ou Preguiça Nome científico: <i>Folivora</i> Comprimento: aproximadamente 70 cm. Peso: em média de 4 a 6 kg Características: O Bicho Preguiça tem a aparência de um macaco, sendo bastante peludo e estão sempre pendurados nas árvores. São considerados animais desengonçados e lentos. Essa falta de agilidade está relacionada com o seu metabolismo lento. Devido a essa lentidão, tem uma movimentação diária de cerca de 38 metros. Passam cerca de 14 horas dormindo durante um dia. Possuem grandes garras. Libras: Sinal revela suas garras e sua lentidão. Distribuição Geográfica: Animal natural da Mata Atlântica Brasileira e da Amazônia Fonte: Cultura Mix³</p>
BOTO ROSA		<p>Nome popular: Boto rosa Nome científico: <i>Inia geoffrensis</i> Comprimento: Mais de dois metros Peso: Mais de 150 quilogramas Características: Apesar de serem vistos com alguma frequência e serem fonte de diversos mitos dos povos tradicionais, ainda existe pouca informação científica disponível e confiável sobre esses animais. A nadadeira dorsal é pequena, mas é muito larga e as suas nadadeiras peitorais são grandes. Esse recurso, juntamente com o seu tamanho e a falta de fusão nas vértebras cervicais conferem-lhe uma grande capacidade de manobra para navegar na floresta inundada e capturar suas presas. Libras: O sinal destaca sua capacidade de nadar. Distribuição Geográfica: As espécies se distribuem nas bacias dos rios Amazonas e Solimões. Fonte: WWF⁴</p>
		<p>Nome popular: Capivara Nome científico: <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> Comprimento: medem entre 100 e 130 centímetros de largura e 50 de altura. Peso: entre 30 e 80 quilos. Características: Maior mamífero roedor do planeta. A capivara utiliza a água como refúgio, e não como alimento. É muito</p>

² Disponível em: <http://www.projetoararaazul.org.br/Arara/default.aspx>. Acesso em: 30 de mar. de 2018.

³ Disponível em: <http://animais.culturamix.com/informacoes/mamiferos/curiosidades-sobre-o-bicho-preguica>. Acesso em: 30 de mar. de 2018.

⁴ Disponível em: https://www.wwf.org.br/participe/adote_boto. Acesso em 30 de mar. 2018.




CAPIVARA		<p>tolerante a ambientes alterados pelo homem. Libras: Sua característica de roedora é o que se destaca na execução do sinal. Distribuição Geográfica: Panamá, Colômbia, Venezuela, Guianas, Peru, Paraguai, Nordeste da Argentina, Uruguai e no Brasil ocorre em todos os biomas. Há cerca de 400 mil capivaras só no Pantanal. Fonte: Dicionário Tupi-Guarani⁵</p>
TAMANDUÁ-BANDEIRA		<p>Nome popular: Tamanduá-bandeira Nome científico: <i>Myrmecophaga tridactyla</i> Comprimento: entre 1 e 1,30 metro (fora a cauda). Peso: entre 20 kg e 60 Kg Características: é um mamífero nativo da América. Recebe esse nome uma vez que sua cauda tem forma de uma bandeira. Além dele existem outras espécies de tamanduás no país, entretanto essa é a maior delas. Escava vários formigueiros e cupinzeiros ao longo do dia para capturar, com sua língua extensível, até 30 mil formigas e cupins. Libras: A característica de capturar insetos em buracos, é o que se destaca em seu sinal. Distribuição Geográfica: Vive em campos, áreas abertas e florestas tropicais. É encontrado em todos os biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado e Pampa. Fonte: WWF⁶</p>
PATO NO TUCUPI		<p>Nome popular: Pato no tucupi Características: É um prato brasileiro típico da culinária da Região Norte. Elaborado com tucupi, líquido de cor amarela extraído da raiz da mandioca brava, e com jambu, erva típica da região norte. Libras: O sinal reapresenta o sinal de PATO e acrescenta TIGELA. Distribuição Geográfica: A culinária no Norte do Brasil apresenta muita influência do modo de cozinhar dos índios. Fonte: Projeto Brasil França⁷</p>
		<p>Nome popular: Saltenha Características: A saltenha é um tipo de pastel assado originário da Bolívia, onde se consome principalmente pela manhã, sendo vendida e consumida em praças, ruas e escolas. Seu recheio é tradicionalmente feito com carnes. Libras: Seu sinal apresenta a mesma</p>

⁵ Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/capivara>. Acesso em 30 de mar. 2018.

⁶ Disponível em:

https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/biodiversidade/especie_do_mes/junho_tamandua_bandeira.cfm. Acesso em 30 mar. 2018.




⁷ Disponível em: <https://projetoBrasilFranca.wordpress.com/tag/pato-no-tucupi>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<p>SALTENHA</p>		<p>configuração de queijo em uma mão, mas em outro ponto de localização. Enquanto que a outra mão imita a colocação de recheio.</p> <p>Distribuição Geográfica: A saltenha é muito popular no Acre, território brasileiro que fez parte da Bolívia até 1903. Anos depois, o consumo da saltenha se expandiu para os estados de Rondônia e para as cidades do centro-oeste do Brasil que fazem fronteira com a Bolívia, como Corumbá/MS.</p> <p>Fonte: Bolívia Cultural⁸</p>
<p>TACACÁ</p>		<p>Nome popular: Tacacá</p> <p>Características: É uma espécie de um caldo feito a partir do tucupi, líquido que sai da raiz da mandioca brava. Junto a ele, coloca-se a goma de tapioca, camarão e o jambu como ingredientes. A forma como é servido também é o que torna o Tacacá um prato típico: normalmente são utilizadas pequenas cumbucas (cuias) para que a pessoa possa tomar o líquido diretamente do recipiente, para comer o camarão e o jambu são usados palitos ou talheres.</p> <p>Libras: Os sinais de Tacacá e suas respectivas variações dão ênfase ao modo especial de tomar e esfriar o líquido.</p> <p>Distribuição Geográfica: Um prato típico da Região Norte, especialmente do Pará.</p> <p>Fonte: Sabores Amazonenses⁹</p>
<p>AÇAÍ</p>		<p>Nome popular: Açaí ou juçara</p> <p>Nome científico: <i>Euterpe oleracea</i></p> <p>Características: O açaí é o fruto da açaizeira, uma palmeira que cresce na região amazônica do Brasil. Ele é um fruto semelhante a uma baga de cor violeta escuro ou negro. Pode ser usado em sorvetes, sucos, geleias, junto com cereais, sobremesas em geral ou até mesmo pura. Na Amazônia, por exemplo, de maneira tradicional, é consumida gelada com farinha, seja de mandioca ou tapioca.</p> <p>Libras: Há vários sinais em Libras para o ACAÍ em diferentes estados brasileiros. Mas, nesta região, o sinal refere-se à cor e ao ato de apanhar o açaí ou ao fato de ser gelada e doer os dentes.</p> <p>Distribuição Geográfica: Até o começo dos anos 1980, esse alimento circulava especialmente na região norte e nordeste do país. Entre os anos 1980 e 1990 passou a ser introduzido de maneira geral no mercado nacional, sendo cultivado ou comercializado em diversos outros estados do país.</p> <p>Fonte: Treino Mestre¹⁰</p>

⁸ Disponível em: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/a-saltena-saltenha>. Acesso em 30 mar. 2018.

⁹ Disponível em: <http://vivaobrasil.com.br/sabores-amazonenses-tacaca>. Acesso em 30 mar. 2018.




¹⁰ Disponível em <<https://treinomestre.com.br/os-beneficios-acai-e-cuidados-com-o-consumo-em-excesso>> acesso em 30 de mar. 2018

<p>BURITI</p>		<p>Nome popular: Buriti ou miriti Nome científico: <i>Mauritia flexuosa</i> Características: É o fruto típico de uma planta de ampla distribuição no território nacional. São produzidos cinco a sete cachos por ano, cada um destes com 400 a 500 frutos. Possui uma casca dura, o que torna-se uma proteção natural contra predadores e contra a entrada de água. Libras: Os sinais em Libras referem-se à sua casca. Distribuição Geográfica: Espécie abundante no Cerrado e uma das mais singulares palmeiras do Brasil. Fonte: Cerratinga¹¹</p>
<p>CAJÁ</p>		<p>Nome popular: Cajá, cajá-mirim ou taperebá. Nome científico: <i>Spondias mombin</i> L Características: Fruto da cajazeira, o cajá é uma frutinha de casca lisa e fina, de cor amarela ou vermelha, muito aromático e de polpa succulenta, de sabor agridoce, que se presta ao preparo de refrescos, batidas, licores e sorvetes. Seu fruto se dá em cachos na cor verde, ficando amarelados quando maduros. Libras: Os sinais em Libras e suas variações destacam a sua cor e formato. Distribuição Geográfica: é um fruto encontrado no Norte e no Nordeste do Brasil, sua origem natural é da América Central. Fonte: Portal São Francisco¹²</p>
<p>CUPUAÇU</p>		<p>Nome popular: Cupuaçu Nome científico: <i>Theobroma grandiflorum</i> Características: é o fruto de uma árvore originária da Amazônia. Serve de matéria prima para doces e cosméticos. A polpa comestível é de coloração amarela ou esbranquiçada, o sabor é ácido e o aroma forte. Pode ser consumido na forma de suco, cremes, doces, geleias, balas, vitaminas e outras preparações culinárias. Libras: Os sinais e suas variações retratam a ação de cortar a polpa do fruto com tesoura. Distribuição Geográfica: É largamente encontrado nos estados da região Norte do país muito encontrada nos estados do Amapá, Pará e Amazonas. Fonte: Wikipédia¹³</p>
		<p>Nome popular: Jatobá, jutaí Nome científico: <i>Hymenaea</i> sp Características: O jatobá é uma árvore da família das leguminosas - os frutos desta família são "favas", que vêm dentro de vagens.</p>

¹¹ Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/buriti>. Acesso 30 mar. 2018.

¹² Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/caja>. Acesso em 30 mar. 2018.

¹³ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cupuaçu>. Acesso em 30 mar. 2018.

<p style="text-align: center;">JATOBÁ</p>		<p>Libras: O sinal em Libras remonta iconicamente as favas que contém o fruto.</p> <p>Distribuição Geográfica: É encontrado na Amazônia, na Mata atlântica, no Pantanal, no Pantanal e no Cerrado.</p> <p>Fonte: Cerratinga¹⁴</p>
<p style="text-align: center;">PITOMBA</p>		<p>Nome popular: Pitomba, olho de boi</p> <p>Nome científico: <i>Eugenia luschnathiana</i></p> <p>Características: A polpa da pitomba tem cor branca, um pouco ácida e adocicada. Contudo, está envolvida por uma casca marrom, que pode ser partida apesar de rígida. Tem seu nome originado do tupi e quer dizer “sopapo”. Essa fruta pode ser consumida <i>in natura</i> ou na forma de licores, não sendo muito empregada na culinária.</p> <p>Libras: O sinal em Libras apresenta dupla configuração, casca e polpa.</p> <p>Distribuição Geográfica: A pitomba é muito comum, sobretudo na Amazônia e na Mata Atlântica.</p> <p>Fonte: Mundo Educação¹⁵</p>
<p style="text-align: center;">DOURADO</p>		<p>Nome popular: Dourado, Piraju ou Pirajuba</p> <p>Nome científico: <i>Salminus maxillosus</i></p> <p>Comprimento: Pode alcançar 1m de comprimento.</p> <p>Peso: Pode atingir mais de 25 kg.</p> <p>Características: O Dourado é um peixe <i> muito apreciado por seu sabor</i>, sendo conhecido como o “Rei do Rio”. É um peixe de escamas. Cada escama tem um pequeno risco preto no meio, formando linhas longitudinais da cabeça à cauda. Possui uma coloração dourada por todo o corpo (por isso recebe o nome de peixe dourado), com reflexos avermelhados. Tem uma cabeça grande, com uma boca que alcança a metade desta, repleta de caninos em forma cônica. Possui uma barbatana caudal bastante robusta.</p> <p>Libras: Seu sinal enfatiza a cor dourada.</p> <p>Distribuição Geográfica: Sua espécie é distribuída nas Bacias do Paraná, de São Francisco, do Rio Doce e do Paraíba do Sul</p> <p>Fonte: Centro de Produções Técnicas¹⁶</p>

¹⁴ Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/jatoba>. Acesso em 30 mar. 2018.

¹⁵ Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/pitomba.htm>. Acesso 30 mar. 2018.

¹⁶ Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodepeixes/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-dourado-salminus-maxillosus>. Acesso em 30 mar. 2018.

<p style="text-align: center;">PIRARUCU</p>		<p>Nome popular: Pirarucu, Arapaima ou Piroasca Nome científico: <i>Arapaima gigas</i>. Comprimento: Quando adulto costuma variar de dois a três metros. Peso: de 100 a 200 kg. Características: O peixe Pirarucu é o maior peixe de escamas de água doce do Brasil e um dos maiores do mundo. Possui corpo em forma cilíndrica, cabeça achatada e mandíbulas salientes. Seus olhos são amarelados e de pupila azulada, um tanto salientes. Sua coloração é marrom-esverdeada, escura no dorso a avermelhada nos flancos, sendo a intensidade variável de acordo com o tamanho do indivíduo e com o tipo de água em que vive. Devido à sua excelente carne, é considerado “o Bacalhau Brasileiro”. Libras: O sinal representa suas escamas e nadadeiras. Distribuição Geográfica: Sua espécie é distribuída na Bacia Amazônica. Nativo da Amazônia Fonte: Centro de Produções Técnicas¹⁷</p>
<p style="text-align: center;">TAMBAQUI</p>		<p>Nome popular: Tambaqui ou pacu vermelho Nome científico: <i>Colossoma macropomum</i> Comprimento: alcança cerca de 110 cm de comprimento total. Peso: atingir 30 Kg. Características: é um peixe de água doce e de escamas com corpo romboidal, nadadeira adiposa curta com raios na extremidade; dentes molariformes e rastros branquiais longos e numerosos. A coloração geralmente é parda na metade superior e preta na metade inferior do corpo Libras: Seu sinal busca representar o corpo do peixe e sua expressão facial. Distribuição Geográfica: Peixe comum encontrado na bacia amazônica. Sua espécie é distribuída na região Norte, além de outros estados. Fonte: Centro de Produções Técnicas¹⁸</p>

Tabela 1 – Imagens bilíngues representativas da Região Norte
Fonte: Elaborado pelo autor

4.3 Variáveis Sincrônicas em Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC)

¹⁷ Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodepeixes/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-pirarucu-arapaima-gigas>. Acesso em 30 mar. 2018.

¹⁸ Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodepeixes/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-tambaqui-colossoma-macropomum>. Acesso em 30 mar. 2018.

Após entrevistas com os sujeitos surdos da pesquisa e a coleta de dados, organizamos as informações em “Variações Sincrônicas do Tipo Geográficas”, isto é, ocorrem no mesmo período de tempo, mas diferem quanto ao local de uso. O nosso objetivo foi analisá-las do ponto de vista linguístico (fonológico) e extralinguístico (características sociais e culturais do grupo estudado), conforme pesquisas sociolinguísticas (CALVET, 2002; TARALLO, 1985; FERNÁNDEZ, 2012).

Em outras palavras, além da análise das variações sob os aspectos fonológicos da Libras (Configuração das Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento(M), Orientação das Mãos (OM) e Expressões Não-Manuais (ENMs)), buscamos analisar as variações também a partir das condições socioeconômicas e culturais dos entrevistados.

Sendo assim, após o estudo das variações encontradas, elencamo-las em um quadro de variação¹⁹, com as respectivas variações nas cidades de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Nesse sentido, descrevemos e analisamos as variações encontradas em Libras neste contexto, conforme segue: Variáveis sincrônicas, regionais, dos tipos fonológicas, sócio-simbólicas ou duplamente influenciadas.

¹⁹ De acordo com Tarallo, (1985), as variáveis encontradas devem ser colocadas em um envelope de variação. Como a língua de sinais é de modalidade espaço-visual, concebemos o Quadro de Variação, mais adequado às suas especificidades.






ANIMAIS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 ANTA		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	Configuração de Mão (CM) – 45; Ponto de Articulação (PA) – Nariz; Movimento (M) – De um lado para outro; Orientação (OR) – Da direita para a esquerda.	Configuração de Mão (CM) – 26; Ponto de Articulação (PA) – Nariz; Movimento (M) – Ondulatório; Orientação (OR) – De cima para baixo.

Figura 32 – Anta
 Fonte: Elaborado pelo autor²⁰

Sobre os parâmetros fonológicos da Libras na execução das variações para o sinal ANTA, observa-se que há diferença tanto na Configuração de Mão (CM), (Porto Velho – Configuração 45 e Rio Branco – Configuração 26), quanto no movimento (M) e na orientação (O). No entanto, ambas as variações, conservam o ponto de articulação, nariz, QUE representa e destaca a principal característica da ANTA, seu focinho e sua habilidade de captar alimentos por meio dele. Na Variação de Porto Velho, a ênfase se dá sobre o movimento do focinho da anta, ou seja, sua flexibilidade. Percebe-se assim que, nas duas variações encontra-se iconicidade.

Essa variação se dá em razão de que em Porto Velho o sinal está relacionado ao movimento icônico da anta cheirar e buscar alimento e em Rio Branco o objetivo do movimento também é mostrar a busca de alimento, mas o enfoque é dado ao órgão do sentido, por isso, é possível afirmar que em Porto Velho o sinal apresenta iconicidade e sinestesia e em Rio Branco o sinal apresenta apenas iconicidade com a ação de procurar alimento.

Nota-se, ainda, como as variações são marcadas pela principal característica da cultura surda, que são a visualidade e a espacialidade. Sendo assim, depreende-se que estas variações

²⁰ Todas as Configurações de Mão (CM) utilizadas neste trabalho, encontram-se baseadas na tese de doutorado de Sandra Patrícia Faria de Nascimento (2009).

são determinadas por fatores linguísticos, com alteração nos parâmetros fonológicos. Logo, denominadas de “variação fonológica”.






ANIMAIS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 <p>BOTO</p>		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 52; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Mão direita em movimento arco cruzado de cima para baixo; Orientação (OR) – Mão direita na direção do corpo e esquerda com palma para baixo; Expressão Facial (EF) – Inflar as bochechas várias vezes, sobrelhas franzidas, expressão de interrogação.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 52; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Mão direita em movimento arco cruzado de cima para baixo; Orientação (OR) – Mão direita com palma na direção do corpo; Expressão Facial (EF) – Inflar as bochechas várias vezes, sobrelhas franzidas, expressão de interrogação.</p>

Figura 33 – Boto Rosa
Fonte: Elaborado pelo autor

Ao descrever estas variações, observa-se que em Porto Velho apresenta-se a mão passiva e em Rio Branco, não há a presença de mão passiva. Também se percebe o caráter sinestésico e icônico do sinal BOTO em Porto Velho, onde é expresso o elemento água e o movimento do boto dentro da água.

Além disso, em ambas as variações há semelhança no que diz respeito aos aspectos fonológicos da Libras. A principal diferença entre a variação de Porto Velho e a do Rio Branco tem relação com o uso da mão passiva em Porto Velho e ao não-uso dessa mão na variação de Rio Branco. Esta diferença indica certo grau de formalidade na variação usada em Porto Velho e da ausência dessa formalidade em Rio Branco.

De acordo com Fischer (1974), este tipo de variação pode ser denominada como variante sócio-simbólica, pois a sua principal influência não é de ordem especificamente

linguística, mas o acréscimo de um condicionante social. “Na análise das variantes sócio-simbólicas obviamente haverá um certo grau de associação entre os grupos de variantes. Em muitos deles, pelo menos uma variante poderia ser destacada como ‘formal’, e uma outra como ‘informal’” (p.96).

No caso supracitado, se aponta a formalidade como um fator que diferencia um sinal do outro, uma variação da outra. Esta regra de formalidade na Libras pelo uso da mão passiva é mencionada por autores da área de linguística de língua de sinais. Sendo assim, classificamos esta variação como “sócio-simbólica”.


ANIMAIS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 BICHO-PREGUIÇA		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 49 nas duas mãos; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Arco cruzado de cima para baixo, alternados; Orientação (OR) – Palmas para dentro na direção do corpo; Expressão Facial (EF) – Expressão de preguiça, olhos semifechados, , sobrancelhas franzidas, expressão de interrogação.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 39, nas duas mãos; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Arco cruzado de cima para baixo, alternados; Orientação (OR) – Palmas para dentro na direção do corpo; Expressão Facial (EF) – Expressão de preguiça, olhos semifechados, , sobrancelhas franzidas, expressão de interrogação.</p>

Figura 34 - Bicho-preguiça
 Fonte: Elaborado pelo autor

Novamente surge a presença da iconicidade em ambas as escolhas para a criação do sinal do BICHO-PREGUIÇA, nas respectivas variações. Destacou-se a ação que o animal realiza para ficar na árvore, entretanto, observa-se uma diferença nas configurações de mãos

no bojo dos sinais, ocorrendo o que classificamos como sinais alofones²¹, que em Língua Portuguesa chamamos de parônimos.

Além disto, percebe-se que esta variação é do tipo fonológica, pois a diferença encontra-se na substituição da Configuração de Mão (CM) por outra, mantendo-se os demais aspectos fonológicos do sinal inalterados.

La variación fonética y fonológica es, sin duda, la más estudiada, la mejor conocida y la que presenta menos problemas a la hora de ser ejemplificada e interpretada: las variantes de un fonema – variantes facultativas, en la terminología estructuralista – no suponen, al alternar, ningún cambio de significado (FERNÁNDEZ, 2012, p.24).

Este é um tipo de variação influenciada estritamente por um fator fonológico, que não interfere no significado, na semântica, na comunicação propriamente dita.

As Configurações de Mão (CM) dizem respeito a um dos principais aspectos fonológicos dos sinais e foi registrado o seu uso desde o primeiro trabalho linguístico sobre língua de sinais, realizado por Stockoe nos EUA. No Brasil, temos várias referências neste estudo (FELIPE, 2000; QUADROS, 2004) e mais atualmente a pesquisa realizada na Universidade de Brasília (UnB) pela Dr.^a Sandra Patrícia de Faria Nascimento, que acrescenta mais CM ao então quadro de CM em Libras.

A variação em CM, neste caso, não altera a norma padrão de uso em Libras. É uma variação do tipo “fonológica”.

²¹ Alofone diz respeito a diferentes articulações de um mesmo fonema, ocorrendo tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais.




ANIMAIS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 TAMANDUÁ-BANDEIRA		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM)- 26 com a mão direita e com a mão esquerda número 08, simultaneamente; Ponto de Articulação (PA) – Espaço neutro; Movimento (M)- Mão direita, com movimento retilíneo de vai e vem; Orientação (OR) – Mão direita palma para baixo e mão esquerda com a palma para dentro; EF – Sobrancelhas franzidas, com expressão de interrogação.</p>	<p>Configuração de Mão (CM)- 26 com a mão direita; Ponto de Articulação (PA) – Espaço neutro; Movimento (M)- Mão direita, com movimento retilíneo de vai e vem; Orientação (OR) – Mão direita palma para baixo; EF – Sobrancelhas franzidas, com expressão de interrogação.</p>

Figura 35 – Tamanduá-bandeira
 Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal referente ao tamanduá bandeira apresenta a mesma configuração de mão (26) tanto em Porto Velho quanto em Rio Branco, diferindo sutilmente na realização do sinal, pois em Porto Velho juntamente com a Configuração de mão (26) associa-se a mão esquerda de apoio com a Configuração de mão em (08) colocada no espaço neutro simbolizando a ação do tamanduá ao procurar formigas no buraco.

Tanto em uma variação, quanto na outra, ocorre iconicidade, ou seja, a capacidade presente na Língua de Sinais de transferir a forma dos objetos, seus movimentos e relação espacial em sua reprodução para a realização do sinal, estabelecendo, dessa forma, a motivação entre o signo e o objeto (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Ademais, identifica-se que na Variação 1 (Porto Velho) o sinal é composto, isto é, assume mais de uma configuração de mão para ser executado, enquanto que na Variação 2 (Rio Branco), o sinal é simples, utilizou apenas uma CM para representar o sinal.

Além disso, nota-se que o uso da segunda configuração de mão em Porto Velho pode estar mais uma vez se referindo a um certo grau de formalidade, ausente na variação de Rio Branco e característica fundamental das variantes sócio-simbólicas.

Temos assim, um caso de variação por nós denominada de “duplamente influenciadas”, o que significa que ao mesmo tempo em que se observa uma diferença no acréscimo de uma configuração em uma variação com relação à outra, percebe-se a presença da formalidade em uma (marcada pela mão de apoio) e a ausência desta na outra.

COMIDA		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 TACACÁ		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	Configuração de Mão (CM) – 12 nas duas mãos; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Para cima e para baixo; Orientação (OR) – lado a lado com as palmas sincronizadas; Expressão Facial (EF) – Boca aberta.	Configuração de Mão (CM) – 12 nas duas mãos; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Circular, de modo simultâneo; Orientação (OR) – lado a lado com as palmas sincronizadas; Expressão Facial (EF) – Boca com sopro.

Figura 36 - Tacacá
 Fonte: Elaborado pelo autor

O sinal de TACACÁ a princípio parece o mesmo tanto em Porto Velho quanto em Rio Branco, pois a Configuração de Mão (CM) é a mesma, a iconicidade também, pois é relacionada com o formato da cuia que se coloca a bebida, porém o movimento é diferente. Em Porto Velho o movimento é realizado para cima e para baixo e em Rio Branco são feitos movimentos circulares e sinal de sopro com a boca.

Os entrevistados explicaram que faz parte da cultura local, esfriar um pouco o tacacá, por que ele é servido muito quente, para depois tomá-lo, por isso os movimentos circulares

para poder esfriá-lo. Mais uma vez observa-se a influência cultural e a sinestesia presentes na escolha da criação do sinal.

Esta variação está determinada conjuntamente por fatores linguísticos e extralinguísticos, pois ao mesmo tempo em que o único aspecto fonológico que se modifica na variação de Rio Branco é o Movimento (M), este é icônico e cultural, pois baseia-se na ação de esfriar a alimentação.

É somente através da correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual. A partir do estudo de várias comunidades, no entanto, você chegará a um macrosistema de variação: os resultados de vários estudos começarão a lhe dar pistas para estudos posteriores (TARALLO, 1985 p.62).

Portanto, esta variação é denominada “duplamente influenciada”, pois conjuga elementos da cultura local com fatores fonológicos.






FRUTAS		
Termos	Variação 1 (Porto Velho)	Variação 2 (Rio Branco)
 AÇAÍ		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 04, 10 e 12, sequencialmente; Ponto de Articulação (PA) – Cabeça e Espaço Neutro; Movimento (M) – Girar na cabeça; Segundo: mão em formato de pinga no espaço neutro, movimento para baixo jogar. A outra mão em terceira configuração; Orientação (OR) – De cima para baixo.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 57; Ponto de Articulação (PA) – Bochecha; Movimento (M) – Tocar na bochecha várias vezes; Orientação (OR) – Voltada para o rosto.</p>

Figura 37 – Açaí
 Fonte: Elaborada pelo autor

Nestes sinais observa-se que em Porto Velho há uma iconicidade, já que o sinal escolhido faz uma relação com o formato da máquina que tira o sumo do açaí, há também uma relação semântica com a cor do fruto, já que estabelece correspondência com o sinal da cor preta²².

Por outro lado, em Rio Branco percebe-se nitidamente a diferença na escolha lexical para o sinal de açaí, não há iconicidade, porém apresenta uma sinestesia, dado que há contato no rosto. Segundo os entrevistados, este sinal foi criado mediante o ato de tomar o açaí, pois quando tomado gelado ocorre uma certa dor nos dentes.

Mais uma vez nos deparamos com a “dupla influência” sobre a variação encontrada: fatores linguísticos (fonológicos) e fatores sociais.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, uma variação é completamente diferente do que a outra em todos os aspectos da fonologia em Libras, ou seja, enquanto que em Porto Velho o sinal de ACAÍ utiliza três configurações (04, 10 e 12), em Rio Branco apenas a configuração de número 57 é usada. Além disso, os sinais se diferenciam quanto ao Ponto de Articulação (PA), Movimento (M) e Orientação de Mão (OM).

A mesma diferença nota-se com relação aos fatores sociais, pois enquanto a variação de Porto Velho destaca a ação de fazer a bebida de açaí em uma máquina, a variação em Rio Branco ressalta a dor nos dentes que sentem a tomar o açaí gelado. Enquanto a comunidade surda de Porto Velho primou pela visualidade na criação deste sinal, a comunidade surda de Rio Branco destacou as sensações.

La variación fonético-fonológica y la de tipo morfológico y funcional se ven determinadas frecuentemente por factores lingüísticos y extralingüísticos, (...) la variación sociolingüística, en la que intervienen tanto factores de lengua como factores ajenos a ella, se puede hallar en todos los niveles: fonética, gramática, léxico, discurso. La segunda es la preeminencia de los factores lingüísticos sobre los extralingüísticos (FERNÁNDEZ, 2012, p.36).

Em suma, o inter-relacionamento de fatores linguísticos e extralinguísticos se fazem presente com bastante frequência nas variações linguísticas, como é o caso de açaí em Porto Velho e Rio Branco. Logo, esta variação é “duplamente influenciada”.

²² Atualmente, é sabido que em Libras há uma diferença entre o sinal para objetos, frutos e animais de cor preta e outro sinal para identificar pessoas de raça/cor preta. No entanto, percebe-se que nas cidades pesquisadas ainda é utilizado o mesmo sinal para ambas perspectivas.


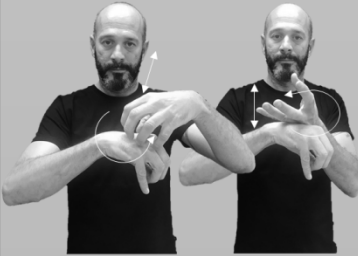



FRUTAS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 BURITI		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	Configuração de Mão (CM) – 13 ; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – 1) Simultâneo e circular. 2) Mão voltada para cima bater na mão duas vezes no dorso da outra mão; Orientação (OR) – De cima para baixo.	Configuração de Mão (CM) – 62 e 54; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) – Usar a CM 62 em volta de cada dedo da CM 54; Orientação (OR) – De cima para baixo.

Figura 38 - Buriti
 Fonte: Elaborado pelo autor

Nos sinais de Porto Velho há uma certa iconicidade, pois o sinal escolhido faz uma relação com a mão. Há também uma relação semântica com a cor do fruto e o movimento simulando no dorso da mão, as espinhas características do fruto. Em Rio Branco percebe-se nitidamente a diferença na escolha lexical para o sinal de buriti, não há iconicidade.

Do ponto de vista linguístico, há diferenças no que tange à questão fonológica, pois enquanto em Porto Velho se utiliza a CM 13, em Rio Branco utiliza-se as CM 62 e 54, além disso, os demais parâmetros fonológicos da Libras nestes sinais são completamente diferentes uns do outro. Mais uma vez se vê aqui um caso de “Variação Fonológica”, já que apesar de variar todos os aspectos fonológicos tanto em um, quanto em outro, o significado a que se referem, continua o mesmo, ou seja, os dois estão falando de BURITI.

Tanto um, quanto outro sinal atendem aos critérios da norma padrão de uso da Libras.






FRUTAS		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 CAJÁ		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 26 e 09, sequencialmente; Ponto de Articulação (PA) – CM 26 – dedo indicador na cabeça seguido de CM 09 – na boca; Movimento (M) – CM 26 - Da testa para baixo, passando pelo nariz e CM 09 – Vai e vem; Orientação (OR) – De cima para baixo na primeira configuração e palmas voltadas para o rosto na segunda configuração.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 26 e 07, sequencialmente; Ponto de Articulação (PA) – CM 26 – dedo indicador na cabeça seguido de CM 07 – Espaço Neutro; Movimento (M) – CM 26 - Da testa para baixo, passando pelo nariz e CM 07 – Parada; Orientação (OR) – De cima para baixo na primeira configuração.</p>

Figura 39 - Cajá

Fonte: Elaborado pelo autor

É possível constatar que nos sinais de Porto Velho há uma iconicidade, em razão do sinal escolhido fazer uma relação com a mão. Há também uma relação semântica com a cor do fruto tanto em Porto Velho, quanto em Rio Branco. No entanto, em Rio Branco é nitida a diferença na escolha lexical para o sinal de buriti, não há iconicidade na segunda etapa do sinal.

Além do mais, deduz-se que é uma “variação do tipo fonológica”, na qual uma das configurações de mão utilizada para processar o sinal apresenta diferença, assim como as expressões faciais. As demais configurações de mão e parâmetros fonológicos permanecem inalteradas. Sendo assim, o significado continua o mesmo, ainda que se altere um elemento da estrutura do sinal.

É importante que se destaque que, essas variações fonológicas são identificadas imediatamente pelos sujeitos pesquisados da referida cidade a qual a variação pertence, e rapidamente estranhadas pelos sujeitos da outra cidade.

No entanto, tanto uma, quanto outra variação estão organizadas conforme o uso padrão da Língua Brasileira de Sinais- Libras.



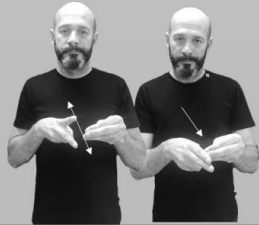


FRUTAS		
Termos	Variação 1 (Porto Velho)	Variação 2 (Rio Branco)
 <p>CUPUAÇU</p>		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 45 com a mão esquerda e 17 com a mão direita, simultaneamente; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro ; Movimento (M) — Vai e vem com a CM 17; Orientação (OR) – Palmas para baixo.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 45 com a mão esquerda e 10 com a mão direita, simultaneamente; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro ; Movimento (M) — Vai e vem com a CM 10; Orientação (OR) – Palmas para baixo.</p>

Figura 40 - Cupuaçu
Fonte: Elaborado pelo autor

Nas duas variações a configuração de mão em V na mão ativa refere-se à forma tradicional de despolpar a fruta. A diferença está na CM da mão passiva que em Porto Velho simula o formato da semente e em Rio Branco, a forma de pegar a semente (PVH – CM 17 e Rio Branco – CM 10). Contudo, os dois sinais apresentam-se na categoria dos sinais icônicos, pois tanto um como o outro se preocupam com o formato do fruto e o ato de despolpá-lo cortando com a tesoura.

Este é mais um caso de variação do tipo “fonológica”, isto é, ocorre uma alteração em um aspecto da fonologia da Libras, no entanto, isto não prejudica a execução e nem a semântica do sinal.

Nesta situação especificamente, a variação encontra-se na segunda Configuração de Mão utilizada, os demais aspectos fonológicos mantêm-se sem alteração. A Configuração de Mão é um dos principais elementos fonológicos da Libras, pois ele é responsável pela forma que a mão fica na execução de um sinal. Há vários estudos sobre CM em Libras. E a cada estudo, são descobertas novas configurações, nunca catalogadas anteriormente.

Nesta variação, tanto em Porto Velho, como em Rio Branco são utilizadas duas Configurações de Mão, a primeira está relacionada com a ação de cortar o fruto, tirar sua polpa. A variação propriamente dita, aparece na segunda CM, em que um representa de uma forma e o outro de outra, mas ambas estão de acordo com o uso padrão fonológico da Libras.






PEIXES		
Termos	Variação 1 (Porto Velho)	Variação 2 (Rio Branco)
 <p>PIRARUCU</p>		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 50 e 52; Ponto de Articulação (PA) – Arco cruzado no espaço neutro e bochecha; Movimento (M) – Movimentar a mão esquerda algumas vezes e em seguida bater na bochecha algumas vezes; Orientação (OR) – De cima para baixo.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 52; Ponto de Articulação (PA) – Arco cruzado no espaço Neutro ; Movimento (M) – Movimentar a mão esquerda algumas vezes, em seguida movimentar para a frente; Orientação (OR) – De cima para baixo e em frente.</p>

Figura 41 – Pirarucu
Fonte: Elaborada pelo autor

O sinal de pirarucu, peixe característico das regiões pesquisadas, ou seja, Porto Velho e Rio Branco, apresenta semelhanças e diferenças no que diz respeito aos elementos fonológicos em Libras: o primeiro ponto de articulação, posição dos braços, orientação de mãos e movimento é o mesmo em ambas as variações, no entanto, na variação de Porto Velho tem um segundo ponto de articulação na bochecha, o qual não faz parte da variação em Rio Branco. Além disso, diferem no que diz respeito às Configurações de mãos, em Porto Velho são utilizadas as Configurações 50 e 52 e em Rio Branco apenas a Configuração 52.

Em ambas as cidades há uma relação de iconicidade, motivada pelas características do peixe analisado, embora cada região tenha privilegiado uma característica específica do peixe, evidenciando que alguns sinais da Libras fazem relação da imagem ao seu significado, no

entanto isto não significa que esta iconicidade é igual em todas as línguas. Cada sociedade observa e incorpora ao sinal facetas diferentes do mesmo referente, adotando seus próprios sinais (FERREIRA BRITO, 1995).

Além desta variação apresentar aspectos gramaticais diferenciados, deduzimos que ela possa ser duplamente influenciada, isto é, pode estar também determinada pelo o que se convencionou chamar de variante sócio-simbólica, como denomina Fischer (1974), “(...) a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem: (...) ‘fatores condicionadores’. Um grupo de fatores é o conjunto total de possíveis armas usadas pelas variantes durante a batalha” (TARALLO, 1985 p.36).

Em outras palavras, na variação ora analisada, observa-se que além de marcações linguísticas, do tipo fonológico, acrescenta-se um fator condicionante, como aponta Tarallo (1985). A ausência do movimento na bochecha na variação do Rio Branco pode estar falando de formalidade em uma e informalidade na outra, pois em Libras a postura, o modo como se executa o movimento ou a expansão do sinal, pode se referir a uma informalidade. Sendo assim, de nossa perspectiva, a variação analisada, é “duplamente influenciada”, por fatores linguísticos e extralinguísticos.






PEIXES		
Termos	Varição 1 (Porto Velho)	Varição 2 (Rio Branco)
 TAMBAQUI		
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
DESCRIÇÃO DO SINAL	<p>Configuração de Mão (CM) – 52 com a mão esquerda e com a mão direita, simultaneamente; Ponto de Articulação (PA) – Espaço Neutro; Movimento (M) — Arco cruzado de baixo para cima; Orientação (OR) – Mão esquerda palma para baixo e mão direita com a palma para dentro na direção do corpo; Expressão Facial (EF) – Inflar as bochechas várias vezes, sobranceiras franzidas, com expressão de interrogação.</p>	<p>Configuração de Mão (CM) – 52 com a mão esquerda e com a mão direita, simultaneamente; Ponto de Articulação (PA) – Boca; Movimento (M) — Arco cruzado de baixo para cima nas duas mãos simultaneamente; Orientação (OR) – Mãos palma para dentro na direção das bochechas; Expressão Facial (EF) – Inflar as bochechas várias vezes, sobranceiras franzidas, com expressão de interrogação.</p>

Figura 42 - Tambaqui

Fonte: Elaborado pelo autor

Embora sejam sinais completamente diferentes, ambos possuem a mesma CM 52, apresentam iconicidade verificadas na ênfase dada ao movimento característico da espécie e referem-se ao mesmo significado. Outra observação que nos leva a constatar a iconicidade é que em Porto Velho configura-se as mãos de forma a desenhar o corpo do peixe. Em Rio Branco convencionou um sinal que salienta a expressão que o peixe faz quando está fora d'água.

Constata-se a circulação de dois sinais para o mesmo referente (tambaqui), ou seja, variação regional entre Porto Velho e Rio Branco do tipo “fonológica”. Na primeira região optou-se por um sinal que enfatiza a movimentação do peixe e a CM que relembra o corpo dele. Por outro lado, em Rio Branco optou-se pela expressão das guelras do animal quando é tirado da água.

As expressões faciais compõem os elementos fonológicos da Libras e ajudam a captar sentimentos ou enfatizar aspectos gramaticais da língua, o que facilita o entendimento na comunicação.

De acordo com Pimenta & Quadros (2006, p.15-16):

As expressões faciais fazem parte da língua de sinais brasileira. É necessário diferenciar dois tipos: as afetivas e as gramaticais. As expressões faciais afetivas estão diretamente relacionadas com as nossas emoções e se expressam nos sinais de forma *gradual*. (...) As expressões *faciais* (...) *gramaticais* (...) subdividem em lexicais e sentenciais. As primeiras estão relacionadas com a expressão de grau dos adjetivos e as outras se ajustam ao tipo de estrutura que está sendo usada no discurso (adaptações do autor).

Em síntese, a variação neste caso, apresenta diferenças sobre o movimento, ao ponto de articulação, à orientação de mão e ainda acrescenta expressão facial na execução da segunda variação, típica da cidade de Rio Branco. Contudo, a configuração de mão permanece a mesma. Sendo assim, esta é uma “variação do tipo fonológica”.

5 DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados, ratificamos a importância das variações em Libras, e em qualquer outra língua, como parte inerente da estrutura de seu desenvolvimento e de uma comunidade de fala. Assim, para falar de variação linguística em Libras foi fundamental fazer a digressão social da relação entre a sociedade de maneira geral e a comunidade surda, principalmente no que diz respeito ao seu modo peculiar de comunicação, a língua de sinais, que foi desrespeitada, desvalorizada e proibida até meados do Século XIX. Conseqüentemente toda a comunidade surda também o foi. E com certeza, este histórico também faz parte do desenrolar de uma língua e da forma como se encontra a comunidade de fala.

A Teoria da Variação Linguística vem há algum tempo se firmando por meio de uma contextualização entre teoria, método e objeto de estudo. Hoje é sabido que em toda comunicação ocorre variação linguística (FERNÁNDEZ, 2012). Infelizmente, os estudos nessa perspectiva em Libras ainda são escassos. Na presente pesquisa, buscamos colaborar com o estudo sociolinguístico de algumas variações em Libras mais frequentes em Porto Velho e Rio Branco.

Apesar da Sociolinguística ter comprovado que a variação é própria de toda língua (BRIGHT, 1974), torna-se necessário questionar os fatores que provocam essas variações. Os fatores podem ser internos, isto é, correspondentes à própria estrutura linguística da língua ou sociais (FERNÁNDEZ, 2012). Desta maneira, nesta pesquisa fica evidente que os entrevistados nasceram e residem nas cidades pesquisadas há mais de 30 anos, o que nos parece um fator determinante na produção de variações, considerando também que a maioria nunca viajou para outra cidade, criando certo distanciamento da interação linguística e cultural com outras comunidades surdas no Brasil. Observa-se também que o fator social do distanciamento pode impactar ainda mais a criação de variações em uma língua.

Outro fator que também nos chamou à atenção, e está relacionado com a questão socioeconômica. A renda dos entrevistados não passou de mais de dois salários mínimos, o que demonstra um obstáculo à inserção social, cultural e, portanto, linguística destas comunidades, isto é, tem influência decisiva no acesso aos bens culturais locais e, conseqüentemente, na produção de sinais. No entanto, é preciso destacar que as referidas comunidades encontram-se em localizações geográficas na qual o índice econômico ainda é muito baixo, o que repercute também nas comunidades surdas.

Contraditoriamente, ainda que limitados pelas questões socioeconômicas, o grupo pesquisado, composto por sujeitos surdos, filhos de pais ouvintes, na faixa etária de adulto e

adulto jovem, possui na atualidade acesso à língua de sinais, à cultura surda e à comunidade surda. Este acesso está circunstanciado à escola e outros contextos acadêmicos, como centros de formação e faculdades, bem como às associações de surdos existentes nas cidades pesquisadas.

Além disso, é fundamental destacar a importância da língua de sinais para as comunidades surdas, e não poderia ser diferente nas regiões pesquisadas. A língua é a que dá o sentimento de pertencimento e identidade grupal, ou seja, apesar de todos os limites sociais impostos a essas comunidades, elas desenvolvem um sentimento grupal, frequentam a comunidade surda, usam a língua de sinais, estudam e trabalham por meio dela. A deixar claro que não se está fazendo referência aos sujeitos com deficiência, mas aos usuários de uma língua, partícipes de uma minoria linguística.

Assim, nos debruçamos sobre esse uso linguístico e destacamos as variações mais utilizadas na temática pesquisada: das dezoito imagens de animais, comidas, frutas e peixes apresentadas, encontramos doze variações linguísticas entre Porto Velho e Rio Branco. Estas variações referem-se aos sinais de AÇAÍ²³, ANTA, BICHO-PREGUIÇA, BOTO ROSA, BURITI, CAJÁ, CUPUAÇU, PIRARUCU, TACACÁ, TAMANDUÁ-BANDEIRA, TAMBAQUI, significa que mais de 60% da amostra linguística denotam variáveis (TARALLO, 1985) do tipo “regionais sincrônicas”, apesar do mesmo significado, são expressas de formas distintas em diferentes regiões, mas no mesmo período de tempo.

Analizamos esta amostra à luz dos aspectos fonológicos da Libras, dos fatores sociais que envolvem a comunidade pesquisada e da conjugação dos dois elementos anteriores. E as classificamos de acordo com as características principais e conforme a frequência com que aparecem na amostra pesquisada.

Fonológicas	Sócio-simbólica	Duplamente influenciadas
06	01	04

Tabela 2 – Classificação das Variantes
Fonte: Elaborado pelo autor

²³ De acordo com o Sistema de Transcrição da Libras, deve-se usar letras maiúsculas sempre que se transcrever sinais.

Das onze variáveis encontradas, a maior parte é do tipo “fonológicas”, ou seja, a variação estabelece-se em um dos aspectos fonológicos da Libras, totalizando 06 (seis) variações desse tipo.

Parâmetros fonológicos	Frequência de alteração nas variações
Configuração de Mão (CM)	10
Movimento (M)	5
Orientação de Mão (OM)	5
Ponto de Articulação (PA)	5
Expressão Não-Manuais (ENM)	3

Tabela 3 – Variantes Fonológicas
Fonte: Elaborado pelo autor

As variantes fonológicas são influenciadas exclusivamente por fatores linguísticos e, neste caso, as principais variações referem-se à modificação nas Configurações de Mãos. Algumas variantes apresentam também alterações no Movimento, na Orientação de Mão, no Ponto de Articulação e raramente nas Expressões Faciais, ainda assim, a maioria que demonstra variação em algum desses aspectos, com frequência apresenta conjuntamente modificação na Configuração de Mão.

No entanto, o parâmetro que geralmente permanece inalterado diz respeito àquele que encontra-se relacionado com a principal característica do termo, pode ser um animal, uma fruta ou uma comida. Exemplo: no caso da anta, o ponto de articulação no nariz não se modifica, apesar das variações nas cidades pesquisadas, porque o aspecto mais marcante da anta é sua habilidade de farejar e encontrar alimentos utilizando o olfato.

Da mesma forma, podemos nos referir quando o animal tem o movimento como característica predominante de sua ação no meio ambiente, este aspecto vai influenciar decisivamente na permanência do parâmetro Movimento na execução do sinal. É o caso do boto e o peixe cuja representação traz como destaque a ação de nadar, ainda que tenha variações nas cidades pesquisadas.

Outro ponto que influencia na permanência do parâmetro fonológico é a iconicidade, como na cor amarela presente nos sinais de cajá, mesmo nas variações entre Porto Velho e Branco. Entretanto, é importante ressaltar que nem sempre a iconicidade vai se apresentar da

mesma forma em cidades diferentes, pois não é uma mera cópia da realidade, mas a iconicidade pode se diferenciar em cada comunidade de fala, como por exemplo, pirarucu, em que cada região demarcou uma característica específica do peixe.

Além disso, localizamos quatro variantes denominadas de “duplamente influenciadas”, que são variantes determinadas por fatores linguísticos e sociais conjuntamente.

O primeiro aspecto que destacamos na análise destas variantes diz respeito ao caráter visual da cultura surda, que influencia diretamente a produção das variações em que os sinais estão diretamente motivados pela visualidade e espacialidade, principais características culturais da comunidade. Nisto, o contexto sociocultural da comunidade de fala também age decisivamente na produção de sinais e das variações, por isso encontramos tanto elementos culturais regionais quanto culturais visuais na determinação da produção destes sinais e de suas variações nas duas cidades.

É importante ressaltar que as variações adotam uma relação direta com a comunidade surda, sua cultura visual e espacial, ao mesmo tempo que se baseia nos elementos típicos da região Norte do Brasil. E os dois estão amalgamados na execução do sinal de tal forma que, às vezes, fica difícil distinguir o que é cultura surda (visualidade) e o que é fruto dos elementos da cultura local das comunidades pesquisadas.

O principal a se considerar na produção das variações é o aspecto cultural, marcado tanto pela visualidade da cultura surda, quanto pelos hábitos e costumes das regiões pesquisadas. É o caso de tacacá, açai e cupuaçu, o movimento de esfriar um alimento, a representação da dor nos dentes e a ação de cortar o alimento presente nestes sinais respectivamente, nos impacta tanto pela questão visual, quanto por ser um hábito local da comunidade de fala.

Dessa forma, o sujeito surdo produtor de uma variação da Libras, usuário de uma língua de modalidade visuo-espacial influencia decisivamente o uso da língua e a produção destas variações. E, por último, identificamos uma variante denominada por Fischer (1974), de “sócio-simbólica”, isto é, variantes do tipo livre, que são condicionadas diretamente por um aspecto da cultura da comunidade.

Sendo assim, vale destacar que o sujeito ao se dirigir a um receptor, também usuário dessa língua, pode adotar um contexto formal ou informal, dependendo do modo como está falando, para quem está falando e em que situação comunicativa está falando. Esta formalidade e informalidade podem estar caracterizadas com a presença ou não da mão passiva em variações como boto rosa ou bater no rosto como em pirarucu.

Além disso, estes sujeitos são muito próximos uns dos outros, moram na mesma cidade, frequentam a mesma comunidade surda, estudam ou trabalham em contextos acadêmicos-científicos, ou seja, demonstram um uso linguístico da Libras frequente, obviamente da cultura surda, e tudo isto influencia as variantes usadas por uma comunidade de fala (TARALLO, 1985). O que é interessante é que, mesmo fazendo parte de comunidades surdas tão próximas, as variações estão presentes em suas produções de sinais.

Outro aspecto a ser levantado e estudado com mais propriedade em outras pesquisas é influência do fator sexo no uso da língua. Nesta pesquisa, este aspecto não nos pareceu um elemento relevante na construção das variações em Libras nas comunidades surdas pesquisadas. Salienta-se que não há gênero na gramática da língua de sinais e culturalmente a comunidade surda é compreendida, acima de tudo, como um agrupamento humano que tem um passado comum relacionado à diferenciação biológica na capacidade de captar sons, mas que a partir daí desenvolvem uma forma peculiar de comunicação que é uma língua propriamente dita e que está completamente influenciada pela cultura surda.

Ademais, fizemos uma breve pesquisa nos principais dicionários de Libras do Brasil (CAPOVILLA, INES e FENEIS), e não encontramos nenhuma das variações elencadas nesta pesquisa. É possível localizar somente o caso de ACAÍ que possui representação sígnica em alguns sinais, no entanto, a mesma não corresponde às variações descritas nesta pesquisa, sendo uma variação conhecida e utilizada em outros estados, o que mostra a existência da pluralidade da língua de sinais e a ocorrência de variedades dentro de uma mesma língua, diferentes estilos entre as comunidades de fala, em seus diferentes usos.

Em virtude do que foi mencionado anteriormente, a pesquisa demonstra que a língua brasileira de sinais, assim como as demais línguas, apresenta-se de forma heterogênea e diversificada, como resultado do uso das comunidades de fala, influenciadas também pelas normas e valores típicos das regiões pesquisadas, percebendo-se nestas comunidades atitudes linguísticas semelhantes, regras de uso e padrões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser aprovado em um concurso como professor de Libras para atuar na Universidade Federal de Rondônia, na cidade de Porto Velho, não imaginei que fosse me deparar com tantas variações linguísticas, e que esse fosse o meu objeto de estudo no Mestrado. No entanto, tanto no que concerne aos fundamentos da Teoria da Variação linguística, quanto ao resultado desta pesquisa sobre variações em Libras no contexto das cidades de Porto Velho e Rio Branco, reforçaram ainda mais a minha compreensão de Libras enquanto língua e sobre a complexidade de sua gramática. Por isso a variação em Libras é um estudo imprescindível para o reconhecimento e aprimoramento da estrutura linguística dessa língua, o que repercute decisivamente na valorização da comunidade surda brasileira.

Entretanto, ao falar das línguas de sinais como língua, torna-se inevitável apontar as relações de poder e dominação que constituíram a relação surdos/ouvintes e as privações vivenciadas pela comunidade surda ao longo da história. Da mesma maneira, precisamos pensar nos impactos que sofrem atualmente no contexto socioeconômico que reverbera na língua brasileira de sinais.

Atualmente, vivemos em um contexto em que a luta da comunidade surda propiciou um aparato legislativo protecionista em torno dessa língua, da educação e da acessibilidade linguística em geral dessa comunidade. A questão é, dado esse passo, quais as vantagens e privilégios desse mecanismo diante de contextos tão precários economicamente? Sem dúvida, a falta de acesso interfere na produção da variação, mas não impede completamente o seu desenvolvimento. É o caso dos resultados da pesquisa aqui apresentada.

Além disso, surgimento de políticas públicas no Brasil desencadeou a possibilidade de uma formação adequada à comunidade surda e de pesquisas nessa área, como acontece com o curso Letras-Libras e as pós-graduações em Libras em todo o território nacional. Com o acesso a esses contextos acadêmicos, é preciso se questionar: isto favoreceu o uso e o desenvolvimento da variação em Libras? Sem desconsiderar também que, ações sociais desse tipo, tais como cursos, escolas, dicionários, exames de proficiência, entre outros, buscam padronizar a língua, normatizá-la. Mas, em que medida, isso influenciou as variações?

Ademais, é de suma importância o papel das associações de surdos, como locus imaculado da comunidade surda e de sua língua, conseqüentemente das variações, tal como das escolas e espaços acadêmicos no fortalecimento e na reprodução dessa língua. A pesquisa comprovou que o aprendizado da Libras permite aos sujeitos surdos incluídos nas escolas e

instituições a própria afirmação, tendo em vista que a língua de sinais é a forma mais acertada de minimizar a distância comunicativa entre surdos e ouvintes.

Como há um número muito alto de pessoas surdas filhas de pais ouvintes, neste caso 100%, torna-se fundamental a construção de políticas públicas que amparem e desenvolvam a compreensão dessa família no que diz respeito a uma perspectiva sociocultural da surdez e da língua de sinais, sobretudo, a manutenção do acesso e permanência dos estudantes surdos em cursos superiores, como Letras/Libras, Pedagogia bilíngue, entre outros, fundamentais para a inserção linguística e cultural da comunidade surda.

Nisto, a construção de rede de instituições que fortaleçam o acesso e a manutenção da primeira língua da comunidade surda, por meio de amparo à família, escolas bilíngues, espaços acadêmicos inclusivos, associações de surdos fortalecidas, mercado de trabalho adequado, favorece uma posição de empoderamento linguístico e cultural dessa comunidade.

Dessa forma, buscou-se compreender como as variações se presentificavam na comunicação por Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir de elementos culturais do universo da Região Norte, que são utilizados com frequência pelas comunidades surdas pesquisadas, partindo disto é que foi possível destacarmos as variações comparativas entre Porto Velho e Rio Branco.

Após feita a análise de cada variação, onze variações foram organizadas. A maior parte é do tipo “fonológica”, ou seja, a variação estabelece-se em um dos aspectos fonológicos da Libras, totalizando 07 (sete) desse tipo. Além disso, localizamos duas variações por nós denominadas de “duplamente influenciadas”, que são as que possuem tanto diferenças no que diz respeito aos fatores linguísticos, quanto extralinguísticos. E, por último, identificamos uma variação denominada por Fischer de “sócio-simbólica”, variantes do tipo livre, que são condicionadas diretamente por um aspecto da cultura da comunidade.

O aspecto que mais chamou à atenção neste estudo foi o papel da experiência visual, da cultura surda e da identidade surda determinantes nas variações linguísticas em Porto Velho e Rio Branco. A maioria dos entrevistados está cursando Letras-Libras ou já está formada neste curso e outros já com pós-graduação em Libras. É notório que a maior parte esteja profissionalmente colocada no mercado de trabalho na área de educação, como professores de Libras, ainda que a remuneração não esteja de acordo com a profissão, como demonstra a pesquisa.

Todo esse contexto influenciou o uso da língua e suas variações, pois não se pode pensar em língua sem refletir sobre a realidade social em que a comunidade de fala encontra-se inserida. Sendo assim, todo este estudo contribui, primeiramente, a mim mesmo enquanto

sujeito surdo, professor de Libras e integrante de uma comunidade surda, logo, possuidor de cultura surda, que almeja o desenvolvimento linguístico de minha língua e o registro científico de sua gramática.

Em suma, ao finalizarmos este estudo esperamos ter colaborado com o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos em Libras e com o enaltecimento das comunidades surdas de Porto Velho e Rio Branco, tão desvalorizados no contexto cultural, social e econômico.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris – Manual de sociolinguística / Stella Maris Bortoni-Ricardo – São Paulo: Contexto, 2014
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- BRIGHT, William (1974). **As dimensões da sociolinguística**. In. FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.). Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: **Uma Introdução Crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. **Oralismo, comunicação total e bilingüismo na educação do surdo**. Temas sobre Desenvolvimento, v.7, n.39, p. 15-20, 2004.
- CASTRO JR, Gláucio de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico**. Instituto de Letras. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Programa de pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília – UNB. Em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_G1%C3%A1luciodeCastroJ%C3%BAnior.pdf Acesso em 18/08/2017.
- CAVALCANTE, M. A. da S; FREITAS, M. L. de Q. **O ensino da língua Portuguesa nos anos iniciais: eventos e práticas de Letramento**. Maceió: Edufal, 2008.
- _____. **Decreto-Lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005, n. 246, ano CXLII, Seção 1, p.28.
- FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese de Doutorado. Brasília: UnB / Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.
- FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em Contexto** – Curso Básico – Livro do Estudante. 3ª ed. Rio de Janeiro: WallPrinter, 2007.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Editorial: Ariel, Barcelona, 2009.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

LUDKE. Menga; ANDRÉ. Marli. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Maria Cecília. **O surdo: Caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter Ltda, 2000.

MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria; CORREIA, Margarita. **Um olhar sobre a MORFOLOGIA dos GESTOS**. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, Poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SILVA, T. T. da (2007). **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.

STOKOE, W. **Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf**. Studies in Linguistics, University of Búffalo, n.8.1960.

STROBEL, Karin e FERNANDES. Sueli. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1985.

THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.). **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VANDRESEN, P. "Introdução". In: Fonseca, M. e Neves, M. (Org.). **Sociolingüística**. Coleção Enfoque. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

Links acessados:

AÇAI

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=zXWVWt_tFs7wzgKrkJWYBg&q=AÇAI+FRUTA&oq=AÇAI+FRUTA&gs_l=psyab.3..0j0i67k113j0l6.2506.3759.0.4050.6.6.0.0.0.287.287.21.1.0....0...1c.1.64.psyab..5.1.286....0.NphVREo86M4#imgdii=Gjn3_OFQ1QDYIM:&imgcr=TH-fcsWIb4J4BM

ANTA

https://www.google.com.br/search?q=anta+animal&dcr=0&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiP4rGur8bZAhWJ7VMKHe19Dn4Q_AUICigB&biw=1366&bih662#imgcr=FtqXQ5mgigmTMM:

ARARA-VERMELHA

https://www.google.com.br/search?q=arara+vermelha&tbm=isch&tbs=rimg:CWz3qGW05qTljk0rG_1HvoCZ4cTGC0BOg-qfEA2jco9ZjH9CPqDZLLkk3jEuEkd5JN03myEjVd2ql8gingbBnMioSCaTSsb8egJnEZOUVHI03QSfKhIJhxMYLQE6D74RZFhWGrKGTCSqEgmp8QDaNyj1mBHXYM18JD8OioSCcf0IoNksuSET_14S3aggt6SKhIJTeMS4SR3kk0ReG2Cr1TRpXgqEgnTebISNV3aqrHeabG7h2sV4CoSCXz6CKeBsGcyEbbeTxXVAyRm&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwiwqir4tfZAhVP OZAKHYbuDLYQ9C96BAgAEBw&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgcr=bPeoZbTn6pOb5M:

BICHO-PREGUIÇA

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=PXSvWpngF4_BzgL4op4DQ&q=BICHO+PREGUIÇA+&oq=BICHO+PREGUIÇA+&gs_l=psyab.3..0i10.39106.45815.0.46718.26.18.0.2.2.0.319.2681.23j6.10.0....0...1c.1.64.psyab..14.11.2699.0..0i24k1j0i67k1.369.tVIWI90xZjA#imgcr=QrF3LSa0VztFEM

BOTO

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=zHOVWuHsAoPezwKDzqXoAw&q=boto+animal&oq=boto+animal&gs_l=psyab.3...14880.106728.0.107030.8.8.0.0.0.0.688.1117.41j1.2.0...0...1c.1.64.psyab..7.1.686...0j0i67k1.0.NPN818218d4#imgrc=S7h_s5EX3ul69M:

BURITI

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=OniVWpS3LoX7zgKE2p3ABA&q=BURITI&oq=BURITI&gs_l=psyab.3..0i67k1j0I9.70350.73763.0.74280.13.10.0.0.0.368.1567.23j2.6.0...0...1c.1.64.psyab..7.5.1563.0...384.ejhchtbo6nI#imgrc=-zRq6ILIE7UBjM:

CACHORRO

<http://www.petvale.com.br/cachorros/conheca-melhor-qual-raca-deseja-adotar/>

CAJA

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=1HWVWta7KdL0zgKHyIvoCg&q=CAJA+FRUTA&oq=CAJA+FRUTA&gs_l=psyab.3..0I2j0i7i30k1I8.381316.382111.0.382632.4.4.0.0.0.0.393.695.32.2.0...0...1c.1.64.psyab..2.2.678....0.KaGenDQcOWk#imgrc=wTbQuwDemyWLdM:

CAPIVARA

https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=h4eaWtu6EYObzwLOyYLACg&q=capivara&oq=capivara&gs_l=psyab.3...623497.625948.0.626246.8.7.0.0.0.0.0.0...0...1c.1.64.psyab..8.0.0...0.Gtcyy4Y0JLI#imgrc=HcdfPmZDqzSOjM:

CUPUAÇU

PITOMBA

https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=aZWeWtvdOsHHwASFkbOoCw&q=PITOB&oq=PITOMBA&gs_l=psyab.3..0110.94004.98275.0.98563.13.13.0.0.0.309.1664.26j1.8.0....0...1c.1.64.psyab..5.7.1662.0..0i67k1j0i10k1.365.jqNo9qoeJlk#imgrc=uQq_PkRDWU8aOM:

SALTENHA

https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=louaWuKnEIT1zgLswbqIBA&q=saltenha&oq=saltenha&gs_l=psyab.3...327626.331529.0.331912.10.10.0.0.0.390.1037.33.3.0....0...1c.1.64.psyab..7.3.1036...0j0i67k1.0.072_IoEWTUA#imgrc=eb0Kr5nIF7f8bM:

TACACÁ

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=PnWVWsCFI8aSzWky4IDQCw&q=TACACA&oq=TACACA&gs_l=psyab.3...48462.64113.0.64438.15.11.0.0.0.380.380.31.3.0....0...1c.1.64.psyab..12.1.379.0..0j0i67k1.297.Pej5gQZ_uh8#imgrc=C3UjKpVo4chd_M:

TAMANDUÁ

https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=OZaeWu_7D4WjwgSjhrzACw&q=tamanduá&oq=TAMADUA&gs_l=psyab.1.0.0i10k1j0i10i24k116.89763.95017.0.97638.20.12.0.0.0.1391.1787.31j71.2.0....0...1c.1.64.psyab..18.2.1783.0..0j0i67k1.0.WJRM1W5Er0#imgrc=4HsBBwfml6hwMM:

TAMBAQUI

https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=bnSVWrj2H4iBzWk35LY4&q=tambaqui&oq=TAMB&gs_l=psyab.1.0.0110.201080.202542.0.205

728.5.5.0.0.0.0.303.878.22j1.4.0....0...1c.1.64,psyab..1.3.876.0..0i67k1.364.v6N7P7kv4Zg#im
grc=WSTPinmmG170VM

ANEXOS

ANEXO 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
 PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
 Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: VARIAÇÕES LINGUÍSTICA NA LIBRAS: ESTUDOS DOS SINAIS DE PORTO VELHO (RO) E RIO BRANCO (AC)

Pesquisadora responsável: Amarildo João Espindola

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Rondônia – Mestrado Acadêmico em Letras

Telefone para contato: 69-993579889 ou amarildoespindola@unir.br

Local da coleta de dados: Porto Velho, Rondônia, Brasil

Prezado/a Senhor/a:

Você está sendo convidado/a a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder às perguntas, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O pesquisador deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Fazer um levantamento de sinais-termos e junto à Associação dos surdos e alunos do Curso Letras e Pedagogia etc. local para contribuir com o que já vem sendo realizado por outros estudos linguísticos²⁴, na área de Língua Brasileira de Sinais (Libras) /Língua Portuguesa (modalidade escrita) a fim de colaborar com a ampliação do léxico da área de Libras.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento de um questionário, filmagem ou captação de imagem. Você deve ser informado (a) pelo pesquisador. Pedimos sua autorização para observação e registro.

Benefícios. A pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento do questionário ou a resposta das perguntas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável, sob pena da lei se violada. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento (anonimato), mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu

_____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Rio Branco, _____, de _____ de 2017

Assinatura do participante

ANEXO 02 – QUESTIONÁRIO

Prezad@s, dando continuidade à minha pesquisa de mestrado sobre As variações linguísticas em Libras em Porto Velho e Rio Branco, peço que respondam este questionário para que eu descreva as características dos sujeitos pesquisados em minha dissertação.

1 - Sexo : () Masculino () Feminino.

2 - Idade: () 15 a 20 anos () 20 a 25 anos () 25 a 30 anos () 35 a 40 anos.

3 - Raça/Cor : () Branca () Pardo () Preto () Amarela () Indígena.

4 - Renda: () 1 salário mínimo () 2 salários mínimos () 3 salários mínimos
() 4 salários mínimos () 5 salários mínimos sem emprego

5 - Seus pais são: () ouvintes () surdos.

6 - Aprendeu Língua de Sinais na: () Família () Escola () Associação.

7 - Acesso à língua de sinais padrão (norma/gramática) () Escola () Faculdade () Outro.
Qual? _____

8 - Você sabe o que é comunidade surda? E cultura surda? () Sim () não .

Explique:

R:

9 - Porque você usa essa variação linguística e não a outra?

R:

10 - Você trabalha? Qual sua profissão?

R:

11- Qual o seu grau de instrução?

R:

12 - Qual é a sua origem geográfica? Quanto tempo mora nessa região? Ou se mudou?

R: